

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

MIRELLA SILVEIRA TRAPP

**FRAGMENTOS DA MEMÓRIA:
o Museu Estadual do Carvão nas reminiscências dos
moradores da Região Carbonífera**

Porto Alegre

2018

MIRELLA SILVEIRA TRAPP

**FRAGMENTOS DA MEMÓRIA:
o Museu Estadual do Carvão nas reminiscências dos
moradores da Região Carbonífera**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para obtenção
de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Karla Maria Müller

Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Jeniffer Alves Cuty

Chefia Substituta Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Ana Celina Figueira da Silva

Coordenadora Substituta Márcia Bertotto

CIP - Catalogação na Publicação

Trapp, Mirella Silveira

FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: o Museu Estadual do Carvão nas reminiscências dos moradores da Região Carbonífera / Mirella Silveira Trapp. -- 2018. 68 f.

Orientadora: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Museologia Social. 2. Memória. 3. Região Carbonífera. 4. Museu Estadual do Carvão. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana

Porto Alegre - RS

Telefone (51) 33085067

E-mail: fabico@ufrgs.br

MIRELLA SILVEIRA TRAPP

**FRAGMENTOS DA MEMÓRIA:
o Museu Estadual do Carvão nas reminiscências dos
moradores da Região Carbonífera**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para obtenção
de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Aprovado em de de 2018

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Ana Celina Figueira da Silva - UFRGS

Museóloga Me. Priscila Chagas Oliveira

*Aos meus pais por sempre acreditarem em mim;
aos mineradores e suas famílias.*

AGRADECIMENTOS

Toda a trajetória que culminaria na realização e conclusão deste trabalho e nos diversos conhecimentos adquiridos ao longo deste curso não seria possível sem algumas pessoas e instituições que foram fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional, meu muito obrigada!

À minha mãe, Luz Mari Silveira Trapp, que me apoiou, incentivou e ajudou inúmeras vezes durante este percurso. Mãe, obrigada por tudo, foste indispensável durante toda a minha trajetória.

Ao meu pai, Oscar Mücke Trapp (*in memoriam*), apesar de não estar comigo durante esta trajetória sempre me ensinou a ter um carinho especial pelos museus, sou eternamente grata.

Ao meu namorado e companheiro de todas as horas, Douglas Müller Lopes, que se desdobrou para me ajudar durante este percurso. Agradeço o carinho e a paciência.

À minha grande amiga Vanessa Coutinho, por me apoiar e também ajudar a reclamar sobre os trabalhos acadêmicos. Agora já podemos marcar aqueles lanches!

Aos professores do curso de Museologia, pela dedicação e conhecimentos compartilhados durante esta trajetória.

À minha Orientadora, Ana Carolina Gelmini de Faria, por acompanhar desde a matrícula no curso até o momento, agradeço as risadas, a paciência, o incentivo e a motivação. Obrigada por me acompanhar em toda a trajetória de escolhas e desafios que este trabalho apresentou e pela cumplicidade, espero que nossos caminhos se encontrem muitas vezes ainda ao longo de nossas vidas.

À minha banca examinadora, Ana Celina Figueira da Silva e Priscila Chagas Oliveira, por aceitarem o convite e pelos ensinamentos compartilhados ao longo da minha graduação que tornaram possível a concretização deste sonho.

À Olga Maria Kaczynski Avila, Enio José Marques dos Santos e David Sachete, obrigada por compartilharem comigo suas reminiscências, sem vocês nada disso seria possível.

Ao Museu Estadual do Carvão, em especial a diretora Marília Pinto e ao estagiário Grégori Menezes, muito obrigada pela companhia durante meu estágio e pelas informações compartilhadas.

As minhas inseparáveis companhias durante o curso, Agnes Moraes, Luiza Ambrosi, Júlia Fleck e Pablo Oliveira, obrigada pela risadas e choros compartilhados ao longo desta jornada, que nossa amizade permaneça por muitos anos.

*A memória guardará o que valer a pena.
A memória sabe de mim mais que eu; e
ela não perde o que merece ser salvo.*

Eduardo Galeano

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso trata de um estudo sobre a relação dos moradores da Região Carbonífera do Rio Grande do Sul com o Museu Estadual do Carvão. Este pretende estabelecer a identificação dos moradores com o Museu e analisar como esta relação se apresenta na memória dos mesmos. Essa pesquisa tem como objetivo analisar as possíveis representações associadas ao Museu Estadual do Carvão por parte de moradores da Região Carbonífera, para compreender esta relação é necessário entender a história do Museu, reunir as memórias que evoquem a identificação da comunidade e relacionar as memórias compartilhadas pelos moradores para problematizar o Museu como lugar de memória. Para o embasamento teórico da mesma foram utilizados autores da área da Museologia, em especial publicações sobre Museologia Social, e autores que pesquisam a Região Carbonífera. Por fim, a investigação constatou que as reminiscências apresentadas pelos sujeitos estão fortemente ligadas ao território, porém não necessariamente vinculadas ao Museu. O percurso para sua realização foi fundamentado na História Oral, através de um roteiro de entrevista semi-estruturado, com a intenção de que os sujeitos compartilhassem suas vivências e relações com o território onde está situado o Museu, e a própria instituição. O resultado foi construído em uma abordagem qualitativa, com a intenção de apresentar as reminiscências dos entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia Social. Memória. Região Carbonífera. Museu Estadual do Carvão.

ABSTRACT

The undergraduate thesis is a study about the relationship of the dwellers of the Carboniferous Region of Rio Grande do Sul with the State Museum of the Coal. This work, intends to understand the identification of the dwellers with the Museum and analyze how this relationship is present in their memory. Approach, with the intention of presenting the reminiscences of the interviewees. This research aims at analyzing the possible representations associated with the State Museum of Coal by the inhabitants of the Carboniferous Region. To understand this relationship, it is necessary to understand the history of the Museum, to gather the memories that evolve the identification of the community and to relate the memories shared by the locals to problematize the Museum as place of memory. For the theoretical basis of the study, it was used authors of the area of Museology, especially publications on Social Museology, and authors who research the Carboniferous Region. Finally, the investigation found that the reminiscences presented by the subjects are strongly linked to the territory, but not necessarily linked to the Museum. The course for its accomplishment was based on Oral History, through a script of semi-structured interview, with the intention of the subjects sharing their experiences and relations with the territory where the Museum is located, and the institution itself. The result was built on a qualitative approach, with the intention of presenting the reminiscences of the interviewees.

KEY-WORDS

Social Museology. Memory. Carboniferous Region. State Museum of Coal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização de Arroio dos Ratos.....	18
Figura 2	Mineradores.....	21
Figura 3	Visita da Princesa Isabel.....	22
Figura 4	Monumento do Mineiro.....	25
Figura 5	Ruínas da Usina.....	26
Figura 6	Ofício MC/188/85.....	28
Figura 7	Portaria nº 01/86.....	29
Figura 8	Panorama Parcial do Museu.....	34
Figura 9	Notícia sobre o incêndio no Museu Nacional.....	37
Figura 10	Lona no telhado na sede do MCAR.....	39
Figura 11	Infiltrações na sede do MCAR.....	39

LISTA DE SIGLAS

AHM - Arquivo Histórico da Mineração

CADEM - Consórcio Administrador de Empresas de Mineração

CEFMSJ - Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo

Cia - Companhia

COPELMI - Cia. de Pesquisas e Lavras Minerais

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOM - Conselho Internacional de Museus

IPHAE - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado

MCAR - Museu Estadual do Carvão

RS - Rio Grande do Sul

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TAC - Termo de Ajuste de Conduta

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	CIDADE E MUSEU: o carvão como um elo de ligação.....	17
2.1	O início da saga... do carvão?	17
2.2	Museu Estadual do Carvão: um projeto de ou para a memória?	26
3	FRAGMENTOS DA MEMÓRIA.....	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	53
	APÊNDICE A - DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS.....	58
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	59
	APÊNDICE C – ENTREVISTA DE OLGA MARIA KACZYNSKI AVILA.....	60
	APÊNDICE D – ENTREVISTA DE ENIO JOSÉ MARQUES DOS SANTOS..	63
	APÊNDICE E - ENTREVISTA DE DAVID SACHETE.....	66

1 INTRODUÇÃO

Ao procurar um tema que despertasse curiosidade e permitisse que me apaixonasse pelo processo de pesquisa, optei por pesquisar algo que envolvesse minha vivência tanto pessoal quanto acadêmica. Para relacionar ambas, me aproximei do município onde vivo e das pessoas que moram próximas a ele. Apesar de não ter nascido em Arroio dos Ratos¹, cresci neste município que atualmente pertence à Região Carbonífera do Rio Grande do Sul (RS)². Este possui uma longa história de mineração, uma vez que até os dias atuais tem como uma de suas atividades a extração de carvão. A relação do município com a história do carvão está expressa através das famílias que ali vivem, descendentes de antigos mineiros que extraíam carvão de minas subterrâneas, e de outros fatores atualmente considerados histórico-culturais. Durante o período de mineração foi reconhecida como “Berço da Indústria Carbonífera Nacional”³ (SULZBACH, 1985), após receber a primeira Usina Termoelétrica do país movida a carvão. Atualmente a antiga Usina e seu espaço, após restaurações, abrigam o Museu Estadual do Carvão (MCAR) e suas instalações.

O MCAR fez parte de minha infância e adolescência. Quando menor a escola nos levou em uma visita ao Museu e naquele tempo havia uma locomotiva em seu pátio. Atualmente a locomotiva foi encaminhada para outro município, porém me lembro que era possível entrar na mesma e passear por entre os vagões. Já na adolescência era em seu auditório que nos encontrávamos para reuniões de um grupo teatral. Nos jardins do Museu também eram realizadas as Festas da Melancia, o município é reconhecido atualmente como produtor desta fruta. Outro evento que ocorre anualmente é o Encontro da Saudade Mineira, porém suas últimas edições não mantiveram o vínculo com Museu como nos primeiros anos. As novas e antigas festas, assim como a estátua simbolizando um mineiro no centro do município, têm como influência um pouco de saudade e do querer relembrar o passado para demonstrar sua importância.

¹ Conforme Stein (2014) a cidade de Arroio dos Ratos pertence a Região Carbonífera do Rio Grande do Sul (RS) e a Região Metropolitana de Porto Alegre.

² Em 2018, no site da Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul são apresentadas como cidades que compõem a Região Carbonífera do Rio Grande do Sul: Arroio dos Ratos, Charqueadas, São Jerônimo, Butiá, Barão do Triunfo, General Câmara e Triunfo.

³ Termo utilizado pelo Cônego Ervino Lothar Sulzbach para se referir à Arroio dos Ratos.

Ao cursar Museologia, percebi que o MCAR é uma instituição pouco conhecida e pesquisada pelos agentes do campo museal do Estado, especialmente por não conhecerem Arroio dos Ratos. Após esta percepção me surgiram outros questionamentos, dentre eles destaco: Se pessoas de outro município não conhecem o Museu e não se apropriam dele, será que a própria comunidade na qual ele se situa tem esse sentimento de pertencimento? A partir daí iniciei a caminhada para compreender qual a função deste Museu, se o motivo de sua fundação seria a de estabelecer o vínculo com a comunidade, ou seja, ser um museu de proposta comunitária, ou a de preservar a história do que um dia foi a grande fonte de comércio e prosperidade daquela região, nunca esquecendo que poderia também abranger ambas opções.

Nesse sentido, os problemas elencados para a presente pesquisa podem ser apresentados através das seguintes perguntas: Qual a identificação de moradores entrevistados da Região Carbonífera com o MCAR? Como esta relação se estabelece na memória e imaginário desses moradores? A partir da definição dos problemas que nortearam o estudo foi possível estabelecer como objetivo geral analisar as possíveis representações associadas ao MCAR por parte dos moradores da Região Carbonífera. Como objetivos específicos foram definidos: Entender a história do MCAR; Reunir as memórias que evoquem possíveis identificações da comunidade com o Museu; e relacionar as memórias compartilhadas pelos moradores para problematizar o Museu como lugar de memória.

Para orientar o percurso investigativo desta pesquisa acadêmica, uma das metodologias utilizadas foi baseada na História Oral, onde os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas (Apêndices A-E). A abordagem escolhida para análise das entrevistas foi qualitativa. Além disso, reforça-se que a intenção do trabalho era explorar as representações, o imaginário e as opiniões que os entrevistados têm sobre sua relação com o MCAR, utilizando-se fortemente do conceito de representação (PESAVENTO, 2005), que se estabelece neste projeto como um dos conceitos operacionais para a realização da investigação.

Para a entrevista foram elencados três sujeitos que se destacaram por morar ou ter morado em Arroio dos Ratos, conhecerem o Museu e/ou ter estabelecido algum vínculo com a atividade de mineração, todos apresentando idade superior a 50 anos. Esses são: Olga Maria Kaczynski Avila, moradora do município de Arroio

dos Ratos que reside próxima ao que era conhecido como Poço 1⁴. Juntamente com outros moradores do município compõe a comissão de organização do Encontro da Saudade Mineira, evento que ocorre anualmente em homenagem aos tempos de mineração. David Sachete, morador do município de Arroio dos Ratos, trabalhou durante muitos anos junto a Cooperativa dos Mineiros, seu pai era mineiro e sua mãe parteira. E Enio José Marques dos Santos, que residiu em Arroio dos Ratos enquanto ainda era um polo minerador da região, seu trabalho era vinculado ao setor de mineração.

Além das entrevistas, cerne da pesquisa, foram realizadas revisão bibliográfica e análise documental. O levantamento bibliográfico foi embasado em livros, dissertações, monografias e artigos nos âmbitos da Museologia (BRULON, 2014, 2015; CHAGAS & GOUVEIA, 2015; FERREIRA, 2004; FREITAS, 2015; GUARNIERI, 1980; LIMA, 2012; MENESES, 2000, 2009; MOUTINHO, 1993, 2014; PRIMO, 2009; SCHEINER, 1998, 2012; TOLENTINO, 2016; TORNATORE, 2009; VARINE, 2000) e História da Mineração (ÁVILA, 2017; GOLASZ, 2013; SPERANZA, 2013; SULZBACH, 1985, 1989; KLOVAN, 2009), explorando os conceitos de representação, imaginário, memória e lugar de memória de diferentes autores. Já a análise documental envolveu fontes diretas, a exemplo do Processo de Tombamento do MCAR.

Para organização da pesquisa, o trabalho foi dividido em quatro capítulos, este primeiro tem como função a apresentação do tema, o problema de pesquisa e objetivos, etapas de planejamento que permitiram executar a pesquisa. Também foi explicado o envolvimento da autora com o tema, ou seja, as motivações para a realização da investigação.

O segundo capítulo, intitulado “**CIDADE E MUSEU: o carvão como um elo de ligação**”, de cunho histórico, investiga a relação do MCAR com o município e de como se deu a transformação deste espaço que anteriormente era destinado a abrigar a primeira Usina Termoelétrica do Estado movida a carvão em um Museu. Este capítulo pretende abordar a história de Arroio dos Ratos, apresentando a cidade, e a constituição da instituição museal, explicitando se ocorreu o envolvimento da comunidade neste processo. Um conceito apresentado neste capítulo é o de Patrimônio Industrial, para explicar a valorização do mesmo e,

⁴ Este Poço localiza-se onde está atualmente o Museu Estadual do Carvão.

através das dinâmicas políticas e sociais da região, como o mesmo se relacionou com o território e a comunidade com o passar do tempo.

O terceiro capítulo desta pesquisa, intitulado “**FRAGMENTOS DA MEMÓRIA**”, reúne as memórias evocadas pelos moradores da Região Carbonífera, vestígios que contribuem enquanto para a identificação ou não dos mesmos com o MCAR. Neste capítulo foram analisadas as representações associadas ao Museu pelos moradores, demonstrando através delas como o Museu se estabelece na imaginação e na memória desses sujeitos. Para avaliar a construção destas reminiscências foram utilizados conceitos-chave como memória, território, cidade, dentre outros.

O último capítulo desta pesquisa, além de demonstrar os caminhos e descaminhos percorridos pela autora, também evidencia as conclusões obtidas através dos processos de pesquisa e análise. Procura estabelecer se houveram respostas para os problemas de pesquisa elencados, e apresenta outras temáticas correspondentes nas quais notou-se poucas publicações.

O tema abordado por este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma contribuição importante para o campo da Museologia, uma vez que o mesmo contribui para a inserção do MCAR nos debates sobre Memória Social e Museologia Social. O presente estudo também é relevante para o campo museal uma vez que procura apresentar a instituição e seu território em uma perspectiva comunitária, um dos desafios da Museologia contemporânea.

2 CIDADE E MUSEU: o carvão como um elo de ligação

Para compreender o objeto de estudo da presente pesquisa é necessário contextualizar a localização do território que compõe a mesma, pois suas dinâmicas são fundamentais nas relações com esse espaço. O município em questão, Arroio dos Ratos, por possuir um nome que desperta sentimentos como curiosidade, deboche, estranhamento ou até mesmo nojo, não é, até o presente momento, um polo turístico. Porém, ao contrário do que se pode imaginar, esse município interiorano tem se tornado acolhedor a visitas e permanências. Apesar de seu nome repelir alguns visitantes, esses podem se surpreender com uma grande história a ser conhecida.

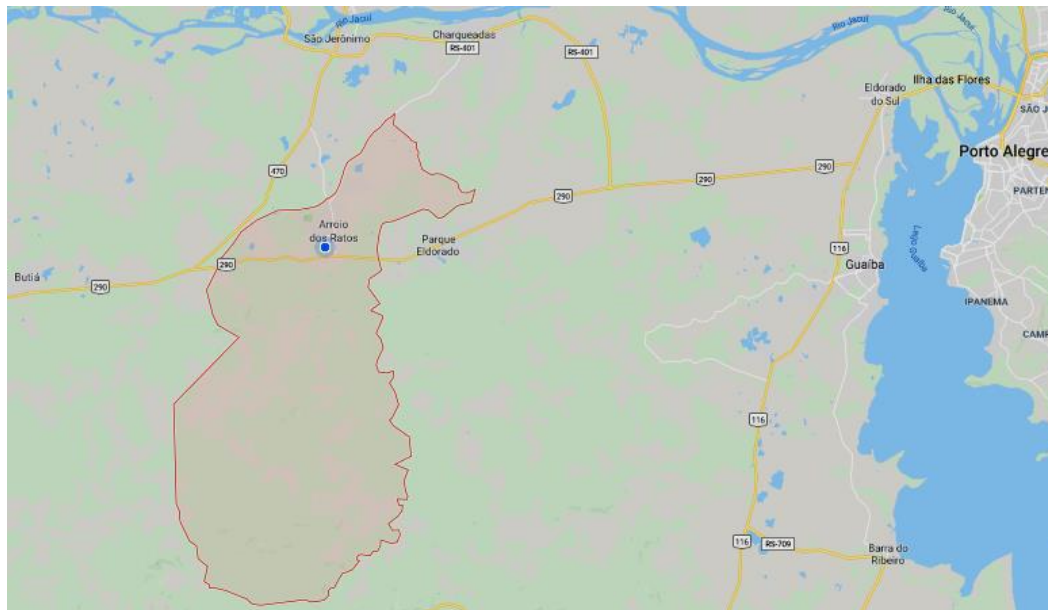
A história do carvão está intimamente ligada à história do município, e essa memória pode ser representada através do Museu Estadual do Carvão. A preocupação com essa história e sua valorização sofreram variáveis ao longo dos anos, ora sendo reconhecida e assumindo um sentimentalismo nostálgico, ora se afastando de sua comunidade (FREITAS,2015). Porém, deve-se ressaltar as preocupações em manter viva esta história local, tendo como exemplo as medidas tomadas para proteger o território onde este patrimônio está localizado. Estas questões serão abordadas nos próximos subcapítulos.

2.1 O início da saga... do carvão?

Arroio dos Ratos é um município que possui uma área de 425,933 km² (IBGE, 2017), sendo localizado a 55km de Porto Alegre⁵. Possui, segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, o total de 13.606 pessoas residentes e tendo seu gentílico conhecido como ratense. Com localização próxima às cidades de Charqueadas, São Jerônimo e Butiá, possui acesso principal pela BR 290 (Figura 1). É reconhecido pela sua ligação com a mineração e o carvão, compondo a Região Carbonífera do Rio Grande do Sul.

⁵ Dados Retirados do site da Prefeitura Municipal de Arroio dos Ratos. Disponível em: <<http://arroiodosratos.rs.gov.br/dados-gerais/>>. Acesso em: 30 set. de 2018.

Figura 1 - Localização de Arroio dos Ratos



Fonte: GOOGLE MAPS, 2018, doc. eletr.

A pergunta que sempre acompanha o nome da cidade é exposta de forma simples e curiosa: De onde vem esse nome? Segundo Sulzbach (1985, p.31): “Fazia-se então necessária uma explicação deste nome realmente curioso. Mas qual é ela? Ninguém o pode afirmar com segurança histórica”. As teorias apresentadas sobre a nomenclatura do município vão desde seu nome ser originário de uma homenagem ao arroio que tem a mesma nomenclatura e a crença popular sobre os ratões do banhado que habitam o local. Há também a teoria de que este território teria sido de Francisco Ratto, ex-dono de sesmaria, ou da família Ratón, de descendência espanhola. Porém, são apenas teorias, ou seja, até o momento não foram localizados documentos que comprovem qualquer das probabilidades quanto à origem do nome.

Não constam muitos dados levantados do período antecedente à emancipação de Arroio dos Ratos, sendo anteriormente um dos distritos pertencentes a São Jerônimo. Segundo Simch (1942, p.23, grifo nosso):

1º DISTRITO - São Jerônimo, Área = 25.526 Hts. Séde - a Cidade de São Jerônimo.

2º DISTRITO - Arroio dos Ratos, Área = 37.757 Hts. Séde - Vila Arroio dos Ratos.

3º DISTRITO - Butiá - 1ª Zona. Área = 70.646 Hts. Séde - Vila Butiá.

2ª ZONA - Roque (antigo Leão). Área=68.018 Hts.

4º DISTRITO - Barão do Triunfo. Área = 62.143 Hts. Séde - Vila Barão do Triunfo

2ª ZONA - Quitéria (antigo Herval). Área = 70.646Hts.

A história de Arroio dos Ratos e de São Jerônimo, assim como a dos outros municípios da Região Carbonífera, estão entrelaçadas com a história do carvão. O minério se caracterizou como um incentivador para a população desta área, tornando-se uma ampla fonte de empregos. Por tanto, é possível notar que em muitos livros, artigos e sites a história de Arroio dos Ratos começou a ser escrita após a descoberta de carvão nos arredores do município.

Assim, as descrições sobre a história de Arroio dos Ratos são mais frequentes quando sua relação com a mineração começa a se intensificar. Os relatos se iniciam ao tratar sobre a descoberta da existência de carvão, Sulzbach (1985, p.41) aponta que:

[...] os primeiros vestígios da existência de carvão nestas plagas teriam sido descobertos no lugar denominado Curral Alto, por um soldado português anônimo, pelo ano de 1795. A mesma descoberta é também atribuída a um cidadão desconhecido que levava o nome de Joaquim José da Fonseca Souza Pinto, em torno de 1807.

É possível notar a discordância entre os anos e sobre quem realmente descobriu o carvão, atribuindo a descoberta tanto a um soldado português quanto a um cidadão da região. Porém, quando se trata do início das atividades de mineração os dados são consoantes, atribuindo esta a James Johnson. Em 1853, Johnson viajava a procura de carvão, segundo Sulzbach (1989, p.9):

As atividades mineradoras tiveram início em 1853, na localidade do Faxinal, com a abertura da 1ª galeria pelo engº inglês James Johnson. Ele se tornou o pioneiro da exploração do carvão mineral no Brasil e Arroio dos Ratos o berço da indústria carbonífera nacional.

James Johnson, ao encontrar carvão na localidade do Faxinal, retirou amostras do minério e apresentou ao Presidente da Província. Sua intenção era obter autorização para explorar carvão naquela região (SULZBACH, 1985). Contudo, o mesmo constatou que o local tornava difícil o transporte do minério para outras regiões, partindo assim para a busca de outro local que permitisse ser mais viável a exploração e transporte. A nova zona para extração estava situada no lado oposto do Faxinal, garantindo assim melhores oportunidades de escoamento do produto, que após a autorização necessitava de mão-de-obra para iniciar a extração.

Além de James Johnson, outros estrangeiros formaram o que hoje é a população de Arroio dos Ratos. O povoamento ocorreu em função da extração de carvão, sendo assim, a maioria dos abrigados nesta região vieram de países onde o minério já era extraído anteriormente:

O elemento humano que tem exercido funções na mineração local, através dos tempos, é dos mais diversificados e heterogêneos. Homens e moços provindos de muitos municípios gaúchos, de outros estados do Brasil, de alguns países vizinhos e de vários países da Europa vieram até Arroio dos Ratos, à procura de serviço nas minas de carvão. (SULZBACH, 1989, p.17)

Portanto, a ocupação de Arroio dos Ratos foi heterogênea, abrigando pessoas de diversas partes do mundo em função da mineração. De acordo com Sulzbach (1989) poderiam ser encontrados entre os povos que ocuparam a região: espanhóis, alemães, ingleses, poloneses, russos e outros grupos étnicos, cada qual falando a língua do seu país de origem. Dentre outros fatores, a situação dos mineradores era de total dependência da Cia mineradora, uma vez que “Outra situação peculiar levou o minerador a uma dependência generalizada da Cia. Mineradora: as terras, as casas, a luz, a água, o telefone, o hospital, a cooperativa e outras coisas mais, eram propriedade dela” (Ibidem, p.18).

Portanto, fontes revelam que a situação do minerador era de total dependência da Cia, onde a mesma não cobrava muito, no entanto garantia que sempre houvesse este vínculo de necessidade e oferta. Quanto às vestimentas utilizadas nos trabalhos, eram de acordo com a possibilidade e conveniência dos próprios trabalhadores (Figura 2). As roupas normalmente eram um calção comum, uma faixa de tecido (com o intuito de proteger a coluna), boné e alpargata (SULZBACH, 1989). As condições precárias não impediam os mineradores de trabalhar, uma vez que naquela época o sustento das famílias era gerado através da renda obtida pelo homem.

Figura 2 - Mineradores

Fonte: Acervo Museu Estadual do Carvão, [s.a.]

Um dos episódios históricos mais exaltados é que, em 1885, ocorreu a visita real da Princesa Isabel (Figura 3), juntamente com seu consorte o Conde D'Eu e seus filhos, realizada pelo grande interesse do Governo Imperial pelo carvão, conhecido então como "Ouro Negro". Esta visita se confirmou através de uma carta escrita à D. Pedro II, com a data de 13 de janeiro de 1885 (SULZBACH, 1985). Outra referência presente nos textos de Sulzbach (1985; 1989) é a da nomeação de um poço que teria como função homenagear a Princesa Isabel:

Já então foi tão grande o interesse do Governo Imperial pelo ouro negro - o carvão - que na inauguração de um novo Poço, a Princesa Isabel se fez presente com o seu consorte o Conde D'Eu. E por isso, aquele Poço foi batizado com o nome de "Poço Da. Isabel". (SULZBACH, 1985, p.45)

Figura 3 - Visita da Princesa Isabel



Fonte: Acervo Museu Estadual do Carvão, [s.a.]

Atualmente no município ainda existem vários poços de extração de carvão que foram utilizados outrora pela mineração. O mais emblemático é o Poço 1, também conhecido como Poço Fraternidade, aberto em 1906 (FREITAS, 2015). A localização da Usina termelétrica, a primeira do País, é próxima ao Poço 1, a mesma foi construída em 1924 (SULZBACH, 1985). Neste mesmo terreno, além da Usina e do Poço 1, é possível encontrar antigos prédios: laboratório de análises químicas, almoxarifado, oficinas, escritório da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (CEFMSJ), abrigo para as locomotivas, resfriador, chaminé, galerias das caldeiras, carregadora, lavador de carvão, depósito e casa branca - provável salvaguarda dos explosivos (FREITAS, 2015). Algumas dessas edificações apresentam-se restauradas e outras estão em ruínas.

Apesar de parecer bem estruturado, este complexo industrial nem sempre garantia a seguridade dos trabalhadores. Há registros de vários acidentes, conforme Freitas (2015, p.43):

As minas de carvão ofereciam condições de trabalho insalubres e perigosas, sendo os acidentes uma realidade constante. Para agravar esta situação, a falta de atendimento hospitalar em Arroio dos Ratos fazia com que muitos trabalhadores acidentados, ou mesmo os demais habitantes tivessem que ser encaminhados a Porto Alegre por meio de trens.

Diversas companhias mineradoras foram gestoras na cidade de Arroio dos Ratos, a maioria delas alegando falência como causa de sua substituição pela

próxima Cia. Dentre as Cias citadas por Sulzbach (1985) estão a The Imperial Brazilian Collieries C. Limited (1872-1878), Firma Holtzweissing e Cia. (1878-188[?]), Cia. das Minas de Carvão de Pedra de Arroio dos Ratos (1883-1888), Cia. Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (1889-193[?]) e, em torno de 1936, a empresa Cia. Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo e a Cia. Carbonífera Minas do Butiá, ambas se uniram e assumiram o nome de Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (CADEM). No ano de 1948 se constituiu a Cia. de Pesquisas e Lavras Mineraias (COPELMI), e em 1964 incorporou a Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo S.A. e da Cia Carbonífera Minas de Butiá (COPELMI, 20[??]).

Um dos fatores que impulsionou a produção de carvão para as Cia. que estiveram na administração da Usina de Arroio dos Ratos foram a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, respectivamente entre os períodos de 1914-1918 e 1939-1945. Segundo Sulzbach (1985) Arroio dos Ratos atuou como substituta do carvão importado. Os mineradores eram referidos com honrarias, de acordo com Ávila (2017, p.68): “Na região carbonífera, residia, a postos, um exército de mineiros a serviço da Pátria”. Sulzbach (1989, p.127) corrobora:

Todavia, é imperativo de justiça, não relegar ao esquecimento este outro patriota que lutou: não sobre a terra, mas em suas entranhas; não para ferir, mas para produzir; não com arma de fogo, mas com ferramentas de trabalho; não para destruir, mas para construir; não para roubar vidas, mas para sustentá-las: o minerador.

O minerador e a mineração tiveram seus tempos de glória e louvor nesta cidade, porém o futuro era sempre incerto. Após a 2ª Guerra Mundial a produção de carvão começou a declinar, dentre as razões estão as alterações e consolidações das Leis Trabalhistas de 1943 onde eram determinados os dissídios coletivos, a determinação da faixa etária dos trabalhadores e o reajuste da jornada de trabalho (GOLASZ, 2013). Outros fatores que também contribuíram para este declínio foram as novas fontes de energia descobertas - óleo diesel e usinas hidrelétricas - (Idem, 2013), e também a volta da concorrência das empresas estrangeiras (SULZBACH, 1985). Todos estes acontecimentos alteravam as quantidades de carvão extraídos das minas.

Anteriormente o “ouro negro” extraído de Arroio dos Ratos alimentava a Usina do Gasômetro em Porto Alegre e também as cidades de Charqueadas, Pelotas e Rio Grande (Idem, 1985). Porém, em 1946, após adquirir as ações da Cia. Minas do

Recreio e prevendo a exaustão das minas do município, o CADEM buscou uma nova fonte de recursos, buscando autorização para a construção de uma Termelétrica, que receberia o nome de “Termelétrica de Charqueadas S.A.”. Para Sulzbach (1985, p.49) “[...] enquanto esta nova Empresa elaborava os projetos de construção da Usina e gestionava os financiamentos necessários, tiveram início os trabalhos de perfuração do poço previsto em Charqueadas, em dezembro de 1951”.

Este poço, inaugurado em janeiro de 1956 (SULZBACH, 1985), foi o que definiu a nova população de Arroio dos Ratos. Uma vez que a Cia. mineradora se alocou em uma nova cidade, os trabalhadores seguiram a mesma: “[...] houve a migração da mão de obra para a cidade de Charqueadas, após o fechamento das minas em Arroio dos Ratos” (FREITAS, 2015, p.39). Percurso previsto, pois, uma vez que o ofício de uma grande parcela da população era ligado à mineração, os mesmos iriam atrás do seu sustento.

A nova Usina em Charqueadas, o fechamento da Usina em Arroio dos Ratos e o final das atividades de mineração decretaram um período difícil para a cidade, já que seu alicerce, ou seja, a atividade mineradora, estava sendo transferida para outra cidade. A Cia. de mineração trocando sua localização levava também seu potencial em “abrigar” as famílias e prover o sustento. Do que foi deixado pela Cia., na cidade de Arroio dos Ratos, sofreu intervenções, como por exemplo o frontão de entrada para a Usina, que segundo Freitas (2015, p.59-60):

[...] foi dinamitado após o encerramento das atividades do complexo. Vários são os motivos levantados pela população arroio-ratense para tal ação. Parte da população defende a versão que mineiros revoltosos com o fechamento das minas dinamitaram a imponente estrutura. Para outros, seriam mineiros pagos pela própria companhia que teriam realizado a ação. Por fim há a versão de que a própria companhia viabilizou a implosão de parte do frontão, pois desejava dismantelar a estrutura, para não por em risco a população ou mesmo para não precisar manter uma estrutura em desuso.

O desemprego em que Arroio dos Ratos se encontrou depois que a Cia. mineradora se mudou para Charqueadas fez com que nascesse um sentimento de união e vontade de emancipar-se da cidade sede, que já não provinha ao distrito os serviços básicos julgados necessários. A ideia da emancipação surgiu durante uma conversa em um evento social, onde abordaram as exigências legais que seriam necessárias para tornar a emancipação possível, constatando-se que Arroio dos Ratos era concorrente a pleitear a emancipação (SULZBACH, 1985).

A assembleia geral para falar sobre a emancipação ocorreu no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) David Canabarro, no dia 31 de janeiro de 1964, contando com 136 pessoas presentes (SULZBACH, 1985). Após a mesma, foi encaminhado um ofício à Assembleia Legislativa do Estado. O pedido foi aceito através da lei ordinária 4.807⁶ que autoriza a realização da votação sobre a emancipação. A votação ocorreu em 6 de dezembro de 1964 (Idem, 1985). Aprovada pela maioria da população, foi elaborada a lei 4.902⁷ de 28 de dezembro de 1964, que cria o município de Arroio dos Ratos.

A emancipação trouxe consigo mudanças na vida da população, sendo o município administrado em sua própria sede, garantindo esperanças de seu desenvolvimento. Porém, a preocupação com a memória e medidas que salvaguardassem a mesma se tornaram mais presentes a partir da década de 1970 (GOLASZ, 2013), um destes marcos históricos é o Monumento do Mineiro (Figura 4). O monumento está localizado no Largo do Mineiro, no centro do município.

Figura 4 - Monumento do Mineiro



Fonte: Da autora, 2018.

⁶ Para mais informações sobre a lei ordinária 4.807, disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100018.asp?Hid_IdNorma=43728&Texto=&Origem=1>. Acesso em: 21 set. 2018.

⁷ Para mais informações sobre a lei ordinária 4.902, disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=43964&hTexto=&Hid_IDNorma=43964>. Acesso em: 21 set. 2018.

Outro fator que estimula a salvaguarda do patrimônio da cidade é o início da valorização do patrimônio industrial, esta tipologia de patrimônio começou a ser valorizada na Inglaterra durante o início da década de 1950 (FERREIRA, 2004). De acordo com Freitas (2015), no Brasil a valoração do patrimônio ocorreu entre as décadas de 1980 e 1990.

No início da década de 1980, tombaram em nível estadual o Prédio da Viação Férrea em 1983 na cidade de Montenegro, a Usina do Gasômetro em 1983 na cidade de Porto Alegre, e os remanescentes do antigo complexo carbonífero em 1986 em Arroio dos Ratos (FREITAS, 2015). Este último tombamento citou-se o complexo cultural onde atualmente encontra-se o Museu Estadual do Carvão.

2.2 Museu Estadual do Carvão: um projeto de ou para a memória?

As valorizações do patrimônio em nível federal e estadual ajudaram a criar e ampliar o desenvolvimento do Museu Estadual do Carvão (MCAR). Os processos de tombamento da antiga Usina, para transformá-la oficialmente em Museu, foram elaborados tendo em vista a proteção do espaço, da memória e da história do carvão. A história que o MCAR pretende preservar não se restringe apenas ao município de Arroio dos Ratos, sua intenção é relacionar a história da mineração em toda a Região Carbonífera.

Figura 5 - Ruínas da Usina



Fonte: Acervo Museu Estadual do Carvão, [s.a.]

O local onde atualmente está localizado o MCAR foi doado pela COPELMI, ao Estado do Rio Grande do Sul, em janeiro de 1983. A área total era composta por 2.136,70m², e compreendia o espaço das ruínas da Usina e a entrada de acesso ao Poço 1 (GOLASZ, 2013). A área aqui apresentada não atinge a totalidade da mesma atualmente, sendo que para proteção deste patrimônio o entorno também foi tombado. Para Meneses (2009, p.33): “O tombamento, portanto, tinha papel instituinte de valor cultural - daquele valor que credenciava a inclusão do bem num rol formalmente definido”.


No dia 28 de maio de 1985 teve início os indícios documentais das primeiras articulações para institucionalização do MCAR. Nesta data foi assinado um termo de cessão de empréstimo e de responsabilidade por Ramão Paulo Guterres Hoffmeister (Superintendente Adjunto de Patrimônio) e Maria Luiza Flores Chaves Barcellos⁸. Este documento afirma a entrega de vagões de estrutura mista em bom estado de conservação ao futuro museu. Estes vagões teriam como função o suporte a serviços educativos ao público escolar.

A doação e as ideias sobre o MCAR se manifestavam antes mesmo da aprovação do primeiro Processo de Tombamento. No ano de 1985 foram intensificados os esforços para transformar aquele território em patrimônio para a comunidade, sendo enviado no dia 27 de agosto de 1985 o ofício n.166/85, assinado por Maria L. F. C. Barcellos à Júlio N. B. de Curtis (Diretoria Regional da SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA), solicitando o tombamento da antiga Usina, que após restauração deveria abrigar o Museu Estadual do Carvão.

No mesmo ano, no dia 17 de setembro, foi recebido o ofício n.154/85 informando para Maria L. F.C. Barcellos, autointitulada diretora do MCAR, que foi reconhecido o valor histórico do complexo e assegurava que o tombamento era o único meio de garantir a integridade do espaço. No dia 23 do mesmo mês foi encaminhado o ofício n.188/85 (Figura 6) pela diretora para Moacyr Domingues, na época Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) estadual, cumprimentando pelo encaminhamento do tombamento do complexo e explicitando que o objetivo era a implementação de um *museu comunitário* para o resgate da memória do carvão.

⁸ Professora do Estado, Museóloga, Licenciatura Plena em História e Mestrado em Educação, e diretora do Museu do Carvão a partir de 1984 extraoficialmente e, oficialmente, de 1986 até 1991.

Figura 6 - Ofício MC/188/85


 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
 SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
 SUSEC/SUBSECRETARIA DE CULTURA
 MUSEU DO CARVÃO

Secretaria de Educação e Cultura
 Proc. n.º 44.005/85
 F. L. 2 3

Of. MC/188/85 Porto Alegre, 23 de setembro de 1985.

Ilmo. Senhor
 Cel. MOACYR DOMINGUES
 M.D. Diretor da SPHAN ESTADUAL
 Edifício COLISEU - Praça Osvaldo Cruz
 NESTA CAPITAL

Senhor Diretor:

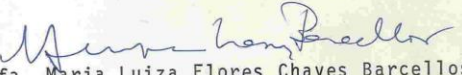
Ao cumprimentá-lo, encaminhamos nossa solicitação do tombamento dos remanescentes da Antiga Usina de Arroio dos Ratos doação ao Estado do Rio Grande do Sul pela COPELMI - D.O. 14 de janeiro de 1983, com fins de MUSEU DO CARVÃO.

Tendo em vista a implantação e continuidade do Museu Comunitário e o resgate da Memória do Carvão do Estado.

Agradecemos desde já seu empenho no assunto.

Em anexo enviamos o parecer do Prof. Cúrtis a nossa solicitação.

Cordialmente.


 Profa. Maria Luiza Flores Chaves Barcellos,
 Diretora do Museu do Carvão.

Recebido em 03 OUT 1985 C. b. l. e
 PE - 077

Destaque para o termo *Museu Comunitário*. Fonte: Acervo Museu Estadual do Carvão, 1985.

Em outubro do mesmo ano foi enviado o Processo 44.005-19.00-SEC/85 como documento favorável ao tombamento, e no dia 21 do mesmo mês o documento foi encaminhado para o Conselho Estadual de Cultura. Aprovado o

Processo, publicou-se a Portaria nº.1/86 (Figura 7) de 10 de março de 1986⁹. Este primeiro tombamento da área está registrado no Livro Tombo n.34 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE). Este território caracteriza um marco histórico, pois como frisado anteriormente, abrigou a primeira Usina Termelétrica do País.

Figura 7 - Portaria nº 01/86

PORTARIA Nº 01/86

O Subsecretário de Cultura da Subsecretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Boletim nº 95/86, publicado no Diário Oficial do Estado no dia 07 de março de 1986,

R E S O L V E

Ratificar em todos os termos do Parecer 713/85 da Câmara de Patrimônio Histórico do Conselho Estadual de Cultura e reconhecer como de interesse público nos termos do artigo 1º, da Lei Estadual nº 7231, de dezembro de 1978, combinada com o Decreto-Lei Federal nº 25, de 20 de novembro de 1937, e proceder ao tombamento dos remanescentes da antiga Usina Termoeletrica de Arroio dos Ratos, doação ao Estado do Rio Grande do Sul pela COPELMI - Diário Oficial do Estado de 14 de janeiro de 1983, para que passe a integrar o Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, registre-se no Livro Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico desta Subsecretaria e promova-se a averbação no Registro de Imóveis a que tocar.

Porto Alegre, 10 de março de 1986.

LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL
SUBSECRETÁRIO DE CULTURA

Fonte: IPHAE, 1986.

O encaminhamento do ofício 85/85 da Prefeitura Municipal de Arroio dos Ratos, juntamente com Maria L. F. C. Barcellos, para o então deputado Adylson Motta, apresenta em seu conteúdo o pedido de oficialização do MCAR, tendo como previsão de funcionamento o ano de 1985. Neste mesmo ano, em 31 de março tem

⁹ Para mais informações sobre a Portaria n.1/86, disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=13800>. Acesso em: 21 set 2018.

início as atividades do MCAR, sob a direção de Maria L. F. C. Barcellos (GOLASZ, 2013).

Para compreender o panorama da Museologia no cenário que o MCAR foi fundado, cabe lembrar que o contexto que a área atravessava, especialmente pelo marco da Nova Museologia. Segundo Tolentino (2016, p.26): “Em meio aos novos pensamentos que permeavam os anseios sociais no segundo pós-guerra e intensificados pelas ideias revolucionárias inerentes à década de 1960, afloram os debates sobre uma museologia social”. O autor ainda complementa sua ideia ao apontar que:

A museologia social, por sua vez, é uma prática museológica que tem como pressupostos uma museologia que desloca seu foco do objeto para o homem, considerando-o como sujeito produtor de suas referências culturais, e engajada nos problemas sociais, de uma forma integral, das comunidades a que serve o museu. Para a museologia social, nas funções básicas de um museu, como preservar, pesquisar e comunicar, que devem ser executadas de forma participativa, os sujeitos sociais são a preocupação primeira, bem como os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais enfrentados pelas comunidades, com vistas à luta e à busca por seu desenvolvimento sociocultural. Isso representa o que os militantes da museologia social chamam a “função social” dos museus (GUARNIERI, 2010, p. 145). (TOLENTINO, 2016, p.31-32)

Para Moutinho (1993, p.7): “O conceito de Museologia Social, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea”. O mesmo autor disserta também sobre a Sociomuseologia, apontando então possíveis diferenças, uma vez que Moutinho (2014, p.423) afirma que: “A Sociomuseologia constitui-se, assim, como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia [...]”, entrelaçando assim com demais áreas e tornando-se uma disciplina que seria reconhecida como multi ou transdisciplinar.

Dentre as principais influências internacionais do campo museal de valoração do patrimônio e da sociedade que convergem com o contexto de criação do MCAR, estão: a Declaração de Santiago do Chile realizada em 1972, que para Moutinho (1993) possuía uma importante definição por declarar que o museu estava a serviço da comunidade; e a Declaração de Quebec, que para Chagas e Gouveia (2015, p.12): “[...] daria origem ao Movimento Internacional para uma Nova Museologia que, a rigor, contribuiu para a produção de um divisor de águas no campo museal”. Outro documento que pode ser citado, com data próxima ao início das ações de

institucionalização do MCAR, é a Declaratoria de Oaxtepec. Segundo Primo (2009, p.22):

O Documento de Oaxtepec é redigido em 1984, no mesmo ano da Declaração de Quebec e reafirma muitas das questões apontadas e recomendadas na Mesa Redonda de Santiago do Chile e em Quebec. Os Documentos produzidos em Quebec e em Oaxtepec trouxeram para o contexto museológico algumas discussões conceituais, pois no afã de legitimar o Movimento da Nova Museologia se criou um antagonismo entre a Museologia Tradicional e a Nova Museologia, passando a falar-se da existência de duas museologias que se revela serem antagónicas.

Cabe, aqui, fazer adendo entre as principais diferenças entre a Nova Museologia e a Museologia Tradicional. A primeira valoriza o território, a comunidade e os objetos, buscando a interação com o ambiente, a participação social e a valorização da memória, preceitos inspirados no conceito de museu integral, elaborado a partir do marco da Mesa-redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus no Mundo Contemporâneo, mais conhecida como Mesa-redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972. A Museologia Tradicional tem por foco o edifício, as coleções e os visitantes, não necessariamente buscando uma relação mais profunda com a comunidade. Portanto, a Nova Museologia, entre suas singularidades, valorizava a comunidade, e uma hipótese é que o movimento possa ter sido inspiração para a ideia e desenvolvimento do MCAR. A Declaratoria de Oaxtepec (1984) é um dos documentos de base que apresenta a perspectiva concebida na década de 1980:

[...] la conciencia patrimonial comunitaria se sugiere llevar a cabo las siguientes acciones: 1. Formación de promotores seleccionados en el propio médio 2. Creación de estructuras asociativas en el médio 3. Creación de una museografía popular, considerando inventario, conservación, presentación valorativa y difusión. 4. Preparación y participación de profesionales para un diálogo constante con la comunidade 5. Presencia y asistencia del Estado a través de sus instituciones en su misión de preservar la identidad nacional, lo que permitirá a los ecomuseos fomentar y afianzar la identidad local y regional 6. Capacitación de personal proveniente de las propias comunidades, incluyendo a los maestros existentes, lo que tiene además por objeto: a) enseñar el qué y é cómo de la apropiación y aprovechamiento de los recursos que pertenecen a la comunidad y que conforman su patrimonio; b) señalar que las personas capacitadas y especializadas sean los principales transmisores, divulgadores, animadores, etcétera de la conciencia específica respecto al patrimonio y de la conciencia colectiva de la comunidad, particularmente en lo que concierne al rescate, a la salvaguarda y al fortalecimiento de la historia y de la memoria colectivas. (DECLARATORIA DE OAXTEPEC, 1984, p.2)

A ideia de museu comunitário tem como objetivo a aproximação da população com o patrimônio, assim como a Declaratoria de Oaxtepec propõe. Freitas (2015) afirma que durante o processo de criação do MCAR ele também foi definido como um *ecomuseu*. Estas definições buscam ressaltar a interação da *comunidade*, do meio-ambiente e muda a participação junto ao Museu. A origem do ecomuseu é entrelaçada à idealização do acesso à memória, este por sua vez pretendia dar voz às minorias, aqueles que estavam à margem da sociedade (BRULON, 2015). O primeiro museu a ser reconhecido como tal é o Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines, que segundo Brulon (2015, p.268):

Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines, primeiro ecomuseu a ser reconhecido como tal, criado em 1974, em uma comuna da Borgonha, na França, que até hoje se beneficia cultural e economicamente da produção industrial local, cuja importância provém de uma história de esplendor interrompida por uma crise econômica seguida do abandono pelos principais agentes do patrimônio local.

Ainda, segundo o autor, “A ocupação do antigo castelo, símbolo da indústria no Creusot, representava o início da reapropriação do patrimônio local [...]” (Ibidem, p.270), ou seja, a apropriação de um espaço que anteriormente tinha um significado funcional passou a desempenhar a função de guardião da memória local. Brulon (2014, p.38) aponta o porquê da utilização da nomenclatura quando diz que:

A evolução desse modelo de museu, que transcende as referências materiais para colocar as próprias relações sociais no centro da instituição, teve como consequência, nos diversos países em que o ecomuseu foi adotado, diversas interpretações análogas do sentido da comunidade musealizada. Ainda que fossem nomeados de “museu social”, “museu local”, “ecomuseu”, além de outras variações conhecidas, os museus chamados pelos especialistas - e, por vezes, também pelos próprios grupos - de “comunitários” sempre existiram a partir de um grupo social mais ou menos bem delimitado.

A ideia do MCAR ser projetado como um museu comunitário, além da necessidade da relação com a comunidade, se demonstrava também na percepção dessa comunidade estar atrelada à mineração, ou seja, fazer do minerador um símbolo que tornasse a comunidade unificada. A especificidade do ecomuseu traz muito dessa ideia de comunidade, Brulon (2014, p.37, grifo do autor) apresenta:

A especificidade do ecomuseu passa, sobretudo, pela definição daquilo que está no coração da sua ação e organização: a *comunidade*. Para Varine¹⁰, o ecomuseu é, antes de qualquer coisa, “uma comunidade e um objetivo”, e em vez de partir de uma coleção pré-concebida de objetos materiais, ele parte da coletividade para estabelecer a sua linha de ação.

Identifica-se, a partir da citação, que o acervo para a vertente do projeto original de Hugues de Varine não era uma das principais preocupações do ecomuseu, mas sim sua relação com a comunidade. Porém, podemos apontar que no caso do MCAR o acervo já era uma preocupação no seu segundo pedido de tombamento e, talvez, sua prioridade. Esse pedido surgiu em 28 de novembro de 1990. Enviado um ofício através da Secretaria da Cultura ao IPHAE, o objetivo deste era solicitar o tombamento do restante da área pertencente à antiga usina termelétrica. Freitas (2015, p.99-100) aponta que: “[...] segue-se o pedido de tombamento do restante das estruturas do antigo complexo. O segundo processo de tombamento é alcançado primeiramente em nível municipal [...]”. Portanto, a área de proteção que passou a ser considerada era a já descrita pela lei municipal n.646/89 da Câmara de Vereadores de Arroio dos Ratos.

O segundo tombamento está registrado sob o n.73 no livro tomo do IPHAE, datado em 16 de agosto de 1994 (GOLASZ, 2013), mesmo ano da inauguração da primeira obra de restauração (FREITAS, 2015). Este tombamento complementa a área tombada anteriormente e insere 14.982,10m² ao espaço do MCAR (GOLASZ, 2013). Esta ampliação permitiu maior proteção a área do Museu, salvaguardando assim os demais prédios do complexo que também correspondem à história da mineração, apresentando atualmente mais de 17.000 m².

¹⁰ Formado pela Universidade de Paris, possui pós-graduação em História e Arqueologia. Atuou como diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Contribuiu como um dos principais teóricos da chamada “Nova Museologia”, e é considerado um dos criadores do conceito “Ecomuseu”. (IBRAM,2012)

Figura 8 - Panorama Parcial do Museu

Visão Parcialmente Panorâmica – Frontão, Ruínas das caldeiras, Museu (Usina), Resfriador e Pavilhão (prédio de oficinas)



Administração (Casa Amarela)

Arquivo Histórico (Antigo Prédio de Análises)

Chaminé e Frontão

Fonte: Da autora, 2018.

Para esta intervenção e proteção do espaço foi elaborado um projeto que recebeu o nome de Proposta de Intervenção, o mesmo foi dividido em duas partes. A primeira se destinou a abordar possíveis intervenções (arquitetônicas, paisagísticas, museológicas e urbanísticas) e a segunda dizia respeito a Obras de Engenharia (consolidação, conservação e novas propostas). Este mesmo projeto definia as zonas de proteção, dividindo-as em: 1. Zona de Proteção Rigorosa (1ª - Intervenção imediata e 1B Intervenção “A Posteriori”); 2. Zona de Proteção Secundária e Intervenção Imediata; 3. Zona de Proteção Secundária e Intervenção “A Posteriori”; 4. Zona de Proteção Ambiental Rigorosa; 5. Zona de Proteção Ambiental Secundária, observando o grau de gravidade e urgência da qual cada área necessitava (MUSEU DO CARVÃO, 19[??]).

Neste mesmo projeto encontra-se a proposta arquitetônica para o prédio da Usina, sendo alertada a necessidade de intervenção visando a proteção e valorização do mesmo. A intervenção solicitada tinha como objetivo interromper o processo de degradação. Previa-se a utilização da Usina como prédio principal do Museu e o planejamento da museografia e expografia do espaço, como, por exemplo, painéis didáticos. Sobre o acervo, Freitas (2015, p.104) observa que:

Sobre o processo de recolhimento dos objetos que comporiam a coleção e/ou coleções do recém-criado, extraoficialmete, Museu do Carvão, não há no acervo do Museu nenhum livro de registro do qual constam informações dos objetos recolhidos e seus respectivos doadores.

No entanto, é possível localizar no Museu um livro que registra os acervos do MCAR, porém, inicia-se em 2002 e não está atualizado, sendo o acervo que foi adquirido anteriormente vinculado como doação e sua origem apresentado nas opções de alguns acervos “sem origem” ou “M. do Carvão”. Esta valorização pelo acervo e a não participação do público como sujeito ativo transformou o MCAR, ao longo de sua trajetória, em uma instituição tradicional de caráter histórico. Scheiner (2012) aponta que transformação de museus ecomuseus e museus comunitários em museus tradicionais é uma das possibilidades desses fenômenos a longo prazo:

Assim, o que ocorre na prática, na maioria dos casos, é que, a longo prazo, ecomuseus e museus comunitários passam por pelo menos uma das seguintes situações:

- a) **se institucionalizam, parecendo-se cada vez mais com os museus tradicionais** - caso em que as lideranças assumem, em nome do grupo, seu papel norteador da ação (seja por delegação natural, por sedução ou por imposição). Usando o vocabulário da Nova Museologia, todos são atores, mas... alguns fazem o papel principal, outros atuam apenas como figurantes (seria, então, interessante que os profissionais da Museologia estudassem um pouco mais as teorias dos papéis sociais);
- b) se compartimentam, fazendo um discurso destoante da ação - o discurso fala de escolhas do grupo, a ação mostra claramente que apenas alguns decidem; o discurso fala dos processos culturais, a ação museológica se exerce prioritariamente sobre os produtos (objetos, cenários);
- c) se autoconsomem, em um movimento que a Biologia nomeia fagocitação - esgotando suas propostas em um incessante fluxo de debates, votações e assembleias, que paralisam, no todo ou em parte, a ação. Aqui, o projeto político ‘fagocita’ o interesse pelo patrimônio;
- d) se extinguem - seja por dissolução, quando optam por finalizar a experiência, por ‘desmusealizar-se’ (como ameaçou fazer, em dado momento, a comunidade do Creusot, numa crise de anomia, de falta de lideranças), seja por transformação, quando se tornam definitivamente museus tradicionais a céu aberto (aqui, exerce um papel importante a influência de lideranças externas ao grupo). (SCHEINER, 2012, p.26. Grifo nosso)

Pelas evidências surge a hipótese de que, no caso do MCAR, a atenção com o território acabou por valorizar demasiadamente o prédio e não a totalidade, assim como a valorização do acervo deixou a desejar quanto à participação da comunidade no compartilhamento de memórias e apropriação do espaço.

A tríade mencionada anteriormente e valorizada pela Nova Museologia (território, patrimônio e comunidade) acabam por ser esvaziadas ou seus vínculos não reforçados. O aparente distanciamento que a comunidade tem do Museu é ressaltado também através do discurso de Freitas (2015, p.121) ao observar que:

A partir desse distanciamento entre museu e comunidade, que vai sendo evidenciado ao longo dos anos, inúmeras dificuldades começaram a marcar a trajetória da instituição. Quando o uso social destinado aos remanescentes

começou a sofrer com os entraves do raso investimento - o que gerou a perda de atratividade e as dificuldades de manutenção física do espaço - foram reforçados os desusos do patrimônio.

Para alguns autores o projeto de ecomuseu carrega mitos em sua concepção, e Brulon (2014) ressalta entre eles o mito da institucionalização, o mito da comunidade, o mito do público, o mito da participação e o mito da democratização. Muitos desses foram embasados na premissa: “Em outras palavras, diferentemente do museu tradicional, o ecomuseu não tinha *visitantes*, ele deveria ter *atores*” (Ibidem, p.39. Grifo do autor). Nesse sentido, a participação da sociedade deveria ser expressada de forma mais constante no museu.

Assim, pretende-se analisar se há, na contemporaneidade, relações da comunidade com o MCAR, que neste trabalho será representada por três sujeitos envolvidos diretamente com a história do território. Esta investigação pretende coletar as identificações, opiniões e representações associadas ao MCAR, buscando compreender se há uma relação entre as memórias e imaginários compartilhados, especialmente no que tange o papel social deste Museu.

3 FRAGMENTOS DA MEMÓRIA

Na contemporaneidade os museus e outras instituições histórico-culturais nacionais estão *sobrevivendo*, uma vez que a escassez de mão-de-obra contratada e investimentos se faz presente cotidianamente, dificultando assim a prestação de serviços para a comunidade e sociedade em geral. Os serviços oferecidos por essas instituições abrangem palestras, pesquisas de acervo, cursos e outras atividades. Porém, nem todas as instituições possuem espaço físico que ofereça a segurança necessária para a realização destas atividades.

O cenário museológico atual demonstra que sem reparos e cuidados especiais com o prédio e sua proteção é possível perder uma grande parcela da memória do País. A perda de qualquer patrimônio tem um valor imensurável, uma vez que não se perde somente a materialidade, mas também uma parte da história daquele local. A exemplificação de falta de orçamento se fez presente nos museus brasileiros ainda este ano, como noticiado no Portal de Notícias da Globo, conhecido como G1, na data de 2 de setembro de 2018, quando anunciou a tragédia do incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro.

Figura 9 - Notícia sobre o incêndio no Museu Nacional

The image shows a screenshot of a news article from the G1 website. The header is red with the G1 logo and 'RIO DE JANEIRO' in white. A search bar with 'BUSCAR' is on the right. The main headline is in large, bold black text: 'Museu Nacional sofria com falta de reforma e orçamento reduzido, e chegou a anunciar 'vaquinha virtual' para arrecadar dinheiro'. Below the headline is a short summary: 'Reportagem do Bom Dia Brasil de maio deste ano mostrou que a instituição deveria receber o repasse de R\$ 550 mil da Universidade Federal do Rio de Janeiro, há três anos só recebe 60% desta verba.' At the bottom left, it says 'Por G1' and '02/09/2018 20h51 - Atualizado há 2 meses'. At the bottom right, there are social media icons for Facebook, Twitter, and WhatsApp.

Fonte: G1, 2018, doc.eletr.

No caso do Museu Estadual do Carvão (MCAR), o patrimônio é reconhecido enquanto patrimônio industrial, esta tipologia de patrimônio, como referenciada no capítulo anterior, constitui-se na preocupação da valorização de bens industriais, segundo Lima (2012, p.37): “[...] representa o reconhecimento emprestado à imagem do cotidiano de pessoas ditas comuns, compreendendo-o como contexto donatário

do valor de testemunho histórico”. A valorização destes espaços anteriormente ocupado por indústrias passou a ser reconhecida somente a pouco tempo (FERREIRA, 2004), contribuindo para a sensibilização de laços de pertencimento com o território onde o patrimônio está situado.

Contudo, para valorização deste patrimônio são necessárias medidas de preservação. Para Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, museóloga brasileira que em sua tese de doutorado pesquisou sobre o patrimônio industrial de São Paulo:

Documentar e questionar os objetos testemunhais desse século e seus valores é tarefa primordial do homem contemporâneo, promovendo o enriquecimento da memória humanística e estabelecendo questionamentos éticos que levem à renovação do processo, do sistema e da qualidade de vida, garantindo, ao mesmo tempo, uma herança cultural. (GUARNIERI, 1980, p.14)

Para a pesquisadora, “É voz corrente que os museus de indústria [...] passam pelo risco de armazenarem objetos-testemunhos que, pouco tempo, se convertem em ‘sucata” (Ibidem, p.113), não somente pela obsolescência dos equipamentos e dos edifícios da área de produção, mas pela falta de articulação dos sujeitos-patrimônio-território que resulte uma visão comunitária do *fato vivencial da produção*, vínculos que potencializariam um museu-processo, ou seja, “[...] obra aberta, inacabada e participatória” (Ibidem, p.117).

A proposta de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri para um museu da indústria em São Paulo não se concretizou e, o que se observa não somente nesse Estado, mas em diferentes territórios brasileiros, são ruínas ou objetos-testemunhos carentes de valorizações que os interpretem enquanto suportes de uma memória coletiva.

Embora o MCAR seja um museu institucionalizado, atualmente sua sede, localizada no prédio onde funcionou a primeira Usina Termelétrica do Brasil, necessita de reparos em seu telhado, sem estes ocorre a deterioração do forro e do piso do primeiro andar localizado em um vão que ao olhar para cima se vê o telhado, ambos de madeira que sofrem deterioração em contato com a água, que neste caso, juntamente com a umidade, caracterizam-se como agentes de deterioração (Figuras 10 e 11). Para Souza (2008) a madeira, sendo um material higroscópico, é sensível à umidade, podendo influenciar na dilatação e contração do material, bem como em outros fatores, a exemplo da biodegradação. Outro fator que agrava a situação é o

forro possuir partes soltas que apresentam o risco de cair nos visitantes e funcionários e as paredes possuírem infiltrações.

Figura 10 - Lona no Telhado na sede do MCAR



Fonte: Da autora, 2018.

Figura 11 - Infiltrações na sede do MCAR



Fonte: Da autora, 2018.

A atual condição física do MCAR tornou inviável a realização da planejada segunda rodada de entrevistas - grupo focal e projetiva com os três entrevistados da pesquisa - conforme era pretendido, uma vez que estava prevista para ocorrer no prédio do Museu com a visualização do acervo exposto. Portanto, não se tornou possível articular as representações apresentadas na entrevista semiestruturada com as impressões que surgiriam durante a visitação. A necessidade de cuidados extremos com o visitante, como a decisão adotada de não se visitar o MCAR com os entrevistados por motivos de segurança, coloca em questão se apenas institucionalizar um patrimônio é suficiente enquanto prática de preservação e difusão cultural.

Como ressaltado nos capítulos anteriores, a comunidade possui um grande vínculo com a cidade, o território e o patrimônio local. Para Ferreira (2004, p.2): “Patrimônio evoca também o sentido de vínculo com a identidade social de um sujeito ou comunidade”. Para compreender este vínculo com a cidade Possamai (2010, p.209) afirma que: “Ao falar da cidade, inevitavelmente, fala-se de memória. A cidade constitui-se em escritas da memória sobre o espaço”.

Porém, não apenas a cidade assume um papel primordial no discurso sobre as vivências no entorno do MCAR, o território também. Sobre o território, Varine (2000, p.26) constata que:

É preciso defini-lo, tarefa difícil, pois não se trata apenas de escolher tal ou tal delimitação administrativa, ou geográfica, mas sim de refletir sobre o que tenha um sentido desde o ponto de vista ao mesmo tempo da comunidade, do patrimônio e do desenvolvimento local. A crise é que dá frequentemente nascimento ao museu [...].

Para Varine (2000) o território apresenta ligação com a comunidade, o patrimônio e o desenvolvimento local. Uma vez que no caso do MCAR a cidade e a comunidade estão diretamente ligadas à atividade de mineração não há como excluir a comunidade ao explorar as relações que se desenvolvem neste território. Varine (2000, p.27) exemplifica que a comunidade: “[...] é naturalmente determinada pelo território; ainda assim é preciso conhecê-la [...] suas forças e fraquezas, suas pessoas-recursos, suas componentes [...], suas necessidades, a natureza das crises que a afligem”. Esses vínculos com cidade, comunidade e território são possíveis de análise através dos discursos apresentados pelos entrevistados uma vez que a

família (comunidade), a cidade (local de nascimento) e o território (sentimento de pertencimento ao local de origem) aparecem frequentemente em seus discursos:

[...] A gente como natural daqui faz tudo pelo município, é tudo para nós Arroio dos Ratos, onde eu nasci, onde me criei, onde ainda estou vivendo, é uma cidade pequena, querida, bem perto de Porto Alegre, faz parte da Região Metropolitana, então a gente tem um amor bem grande por esta cidade (AVILA, 2018, inf. verbal)¹¹.

Identificou-se que os discursos dos entrevistados carregam grande apelo emocional ligado à família como origem da relação com o município, onde nas reminiscências são expostas a vinda dos pais ou avós para o município, por exemplo. Os discursos apresentados também se cruzam quando o assunto é o nascimento, dois entrevistados relataram que nasceram na Beira de Linha (Olga M. K. Avila e Enio J. M. dos Santos), renovando assim sua relação próxima com a cidade. Enio Santos (2018, inf. verbal) afirma que “[...] eu nasci, perdi meu umbigo em Arroio dos Ratos e nunca me desliguei”¹². Outros, porém, relembram mais da adolescência em antigos lugares marcantes da cidade:

[...] eu era gurizote então me criei na que chamavam Roda do Cinema, até hoje chamam, onde era o Banrisul aquele prédio grande ali né. Naquela época era um cinema velho tinha uma escadaria que ia até lá embaixo e a frente era pra lá. Mais tarde renovaram o prédio e fizeram o Cine Clube Vitória, aí era um cinema moderno até tinham umas cadeiras que faziam assim, não estrovava o outro da fileira que ficava na frente. E deixa eu pensar: eu continuei ali em roda, eu morava ali bem pertinho, antes do Museu, ali em cima atrás desse prédio, me criei ali. (SACHETE, 2018, inf. verbal)¹³

Quanto à mineração, que é uma atividade vinculada àquele território, todos os entrevistados afirmaram que tiveram alguma ligação, trabalhando em atividades relacionadas diretamente com o carvão, ou indiretamente, nos casos em que algum familiar possuía esta relação de trabalho. Para Morin (2001, p.9): “O trabalho conserva um lugar importante na sociedade”. O pesquisador aponta algumas características de como o trabalho deve se apresentar, entre elas destaque:

¹¹ A entrevista de Olga Maria Kaczynski Avila encontra-se parcialmente transcrita no Apêndice C desta monografia.

¹² A entrevista de Enio José Marques dos Santos encontra-se parcialmente transcrita no Apêndice D desta monografia.

¹³ A entrevista de David Sachete encontra-se parcialmente transcrita no Apêndice E desta monografia.

5. Uma contribuição social que faz sentido: o trabalho deve permitir a **união entre o exercício de atividades e suas conseqüências sociais**. Isto contribui à **construção da identidade social** e protege a dignidade pessoal. Esse âmbito do trabalho reconhece o prazer de contribuir para a sociedade. (MORIN, 2001, p.10, grifo nosso)

Para a Região Carbonífera o carvão era então sinônimo de trabalho, segundo Sulzbach (1989, p.17): “Todos para cá se deslocavam no afã de melhorar suas condições de vida ou na tentativa de obter alguma reserva monetária para o futuro”. O autor ainda completa: “Para aqui trabalhar, não era exigida qualificação alguma” (Ibidem, p.18). Neste viés, como abordado no segundo capítulo, muitas pessoas eram atraídas para esta Região na busca por trabalho e a relação dos moradores da Região Carbonífera com o trabalho de mineração (e seus desdobramentos) é explicitada nas vivências e interlocuções dos entrevistados:

[...] meus avós paternos vieram da Polônia, fugindo da guerra, desceram em Rio Grande e vieram para Porto Alegre e depois vieram para Arroio dos Ratos para trabalhar na mineração. Por quê? Meu avô sempre trabalhou na parte das oficinas, onde abastecia a toda a parte de locomoção dos vagões e trens, fazer peças para a própria mineração, peças em ferro e, o carvão naquela época, e quem vinha para cá não ia servir, não ia trabalhar no exército porque a extração do carvão era essencial para a energia elétrica daquela época. E o meu pai trabalhava no comércio, meu pai tinha um açougue, então naquela época era o açougue em si, não tinha outros mantimentos junto com o açougue, era açougue então ele vendia carne naquela época. (AVILA, 2018, inf. verbal)

O discurso se repete enquanto Sachete (2018, inf. verbal) afirma:

[...] é o seguinte o meu pai veio da Espanha, ele e o pai do Nelson até que vieram juntos, e de lá ele foi para Minas Gerais trabalhar na mina de ouro Moro Velho como chamavam naquele tempo, teve um período lá, minha mãe também é de Minas, ele casou por lá e depois veio aqui para o Sul, aqui para Arroio dos Ratos, aqui tinha muitos espanhóis eram os que dominavam e lideravam, então ele trabalhou na mina embaixo da mina depois na superfície que é aqui em cima [...].

Sobre os regimes de trabalho que ocorriam naquela época, Sulzbach (1989) afirma serem diferenciados conforme a função, e estes atendiam a horas diferentes de prestação de trabalho para as Cias, conforme o mesmo:

O regime de trabalho era diversificado, atendendo às exigências próprias de cada setor de serviço. Assim, os que exerciam suas funções nas oficinas da superfície, no almoxarifado, na zeladoria e na olaria, obedeciam ao regime legal de 8 horas de serviço, somente durante o dia. (SULZBACH, 1989, p.67)

O autor complementa ao apontar que: “Em outros setores, como a usina, a estiva, a viação férrea e o subsolo, alternavam-se em “ternos” sucessivos e contínuos durante o dia e durante a noite” (Ibidem, p.67), relatando, ainda, que os trabalhadores eram obrigados a dobrar os ternos, principalmente durante as guerras. Entretanto, haviam também os serviços divididos por tarefas, empreitadas e produção, as tarefas eram previamente determinadas: “[...] e exercida pelo chamado “tocador de carro”. Consistia em encher um determinado número de vagões por terno” (Ibidem, p.68). As empreitadas, diferente das tarefas, não forneciam ao operário a opção de se ausentar após concluir a tarefa e a produção era estimulada pela demanda:

O trabalho de mineração propriamente dito não era interrompido nunca: paralisava tão somente na 6ª feira santa - comemoração da Paixão do Senhor e no dia de Santa Bárbara, a padroeira dos mineradores, no dia 04 de dezembro. (SULZBACH, 1989, p.69)

Como apontado por Sulzbach (1989) o setor de mineração estava vinculado a outros serviços que não somente o de mineração, neste sentido Santos (2018) durante seu depoimento afirma que:

Meu pai era maquinista do trem, nasci na beira da linha e me criei dentro dos trens, e viemos para charqueadas em [19]59. Mas nunca perdi esta relação com Arroio dos Ratos [...]. Com a mineração tu tem os serviços com o pessoal que trabalhava no subsolo diretamente, mas todos aqueles outros serviços eram serviços complementares e estavam diretamente ligados à mineração. E o meu pai transportava o carvão do Rato para Charqueadas [...]. E depois eu fui acabar indo trabalhar também na empresa ligada a essa atividade de mineração, passando pelo serviço de manutenção, a parte elétrica e depois fazer um curso de segurança do trabalho, fui trabalhar nesta área de segurança e medicina do trabalho. (SANTOS, 2018, inf. verbal)

Outro fator apontado nas entrevistas foi a sindicalização, segundo Sulzbach (1989) os mineiros se uniram e, em 1933, fundaram o Sindicato dos Mineiros. Sachete (2018, inf. verbal) recorda que: “[...] depois criaram a cooperativa nova ali onde está o supermercado Bem-Vindo, era a Cooperativa dos Mineiros, eu fui trabalhar ali com 14 anos quando meu pai faleceu”. O sindicato deveria atender à defesa dos direitos dos mineradores e atuar como um porta-voz e defensor dos mesmos (SULZBACH, 1989).

Como apresentado anteriormente, vários acidentes ocorriam com os mineiros e inúmeras eram as causas de suas doenças: “Riscos de toda sorte, em todas as

atividades do minerador, sempre foram uma constante. Não poucos saíam delas mutilados, muitos ficaram fisicamente inutilizados e outros nela permaneceram” (Ibidem, p.71), dentre os motivos o mesmo elenca caimentos, a insalubridade do ofício, o ar preto (produzido pela ausência de oxigênio), pontos energéticos, transtornos psíquicos e situação sanitária. Sachete (2018, inf. verbal) relata que “[...] Uma enchente muito grande aí encheu a mina, fazendo com que diversos mineiros não tivessem tempo de sair, naquela época morreram uma porção de mineiros”. Este discurso demonstra também a situação do mineiro quanto às mudanças climáticas, que também afetavam sua produção e vida.

Para Klován (2009, p.372) a situação das comunidades mineiras era marcada pelo trabalho e este “[...] marcado pelo perigo e pela insalubridade do cotidiano nas minas, atestados pelos desabamentos e pelas doenças pulmonares, geradores de índices de morte muito elevados entre 30 e 40 anos de idade”. Em seu relato, Sachete (2018, inf. verbal) conta sobre seu pai que “[...] depois mais tarde, depois de uns cinquenta anos ele faleceu, ele pegou a parte de ouro que é pior que carvão, eles lidam com aquele mercúrio que é muito brabo aquilo lá, e depois o carvão aqui”. Conforme Speranza (2013, p.418):

Essa estrutura convivia, paradoxalmente, com níveis intensos de exploração de mão de obra. Os mineiros não dispunham de condições mínimas de trabalho: sem água potável no subsolo, sem refeitório, banheiro ou qualquer equipamento de segurança, estavam sujeitos a longas jornadas e a acidentes fatais ou incapacitantes. Demissões em massa, protestos, revolta pelas péssimas condições de trabalho e, finalmente, milhares de ações na Justiça foram tão determinantes para a experiência da classe quanto a dominação em moldes paternalistas promovida pela direção do Cadem.

O território, a cidade e o trabalho possuem um vínculo muito forte com a comunidade da Região Carbonífera, uma vez que estão vinculados diretamente ao carvão. Izquierdo (2004, p.15) afirma que: “Memórias têm também os povos, as nações, as cidades; o conjunto dessas memórias denomina-se história”. No caso da comunidade desta Região, a história está vinculada ao território e à materialização do MCAR. Sachete (2018, inf. verbal) informa que: “Conheci o Museu quando era o Poço 1, naquela época o carvão era tirado de baixo da terra e hoje é a céu aberto. Como ficou antieconômico aqui, foi transferido para Charqueadas”. O discurso ligado a historicidade permanece em outras falas, como a de Avila (2018, inf. verbal)

quando relata que: “Conheci o Museu desde o início, desde a inauguração. Sempre tive uma relação assim não direta, mas próxima ao Museu”.

Para outros o discurso de salvaguarda da memória, do território e da história se apresenta de forma mais explícita, caracterizando o território como um local que guarda a Memória. Nora (1993, p.12-13) apresenta o conceito *lugar de memória* como:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade coletiva fundamentalmente envolvida e sua transformação e renovação.

Ainda segundo Nora (1993), só se tornam lugares de memória quando perdem a função prevista pelos seus fundadores. Portanto, o conceito lugar de memória é utilizado na pesquisa para contextualizar o MCAR, onde o mesmo se caracteriza como lugar de memória uma vez que o território onde está situado seus vestígios materiais perdeu sua antiga função e construiu outro significado para sua existência, um significado onde a comunidade e a história da Região estariam representadas. Para Santos (2018), a relação com a criação do Museu está fortemente ligada à sua história com o local, o mesmo explicita:

Por que a formação do Museu? A nossa atividade ela, tem vamos dizer assim, mais de 150 anos de história. [...] Mas então, quando se criou-se os primeiros movimentos para a criação do Museu do Carvão, o que a comissão fez, criaram uma comissão inicial lá pela Secretária Estadual de Cultura, que veio para Arroio dos Ratos e formou os amigos do Museu do Carvão, que é para ter o apoio da cidade, para ter o envolvimento dos órgãos do município, então foi formada aquela comissão. E depois disso o que? Eles vão fazer visitas às empresas e diversos seguimentos da comunidade ou das comunidades, porque não fica restrito em Arroio dos Ratos, ela abrange toda a Região Carbonífera [...]. E aí começaram aquelas visitas as empresas, e a COPELMI, como foi a empresa primeira a desenvolver essa atividade de mineração, ela foi uma das primeiras a ser visitada. E logo no início já me designaram para acompanhar todo esse trabalho de criação e depois montagem, especificamente, do Museu. Então eu me envolvi desde o início nisto aí. Isso começou lá na primeira metade da década de [19]80, eu só não me lembro agora mesmo a data da lei que criou o Museu.[...] Então estou desde o início nisto aí, fornecimento de peças para já ir constituindo acervo do Museu e tudo isso que a empresa podia dar. Foi doada muita coisa assim: - pega e leva! E vai sem documento nenhum, sem nada assim que pudesse oficializar a doação que estava saindo da empresa e indo para o Museu. (SANTOS, 2018, inf. verbal)

O acervo do MCAR é composto por objetos bidimensionais (fotos e cartazes), tridimensionais (ferramentas e utensílios de mineração) e documentais (carteiras de trabalhos e processos administrativos das Cias mineradoras). Os acervos estão dispostos na sala de Planejamento, que funciona como uma Reserva Técnica, no prédio da antiga Usina e no Arquivo Histórico da Mineração (AHM). Diferente das demais localidades onde o acervo se encontra, no AHM o acervo possui maiores cuidados de salvaguarda, anteriormente o mesmo prédio servia como Laboratório de Análises e Subprodutos, porém conforme aponta Freitas (2015, p.63): “[...] restaurado entre 2011 e 2012 com recursos provenientes de doação da Empresa Copelmi via Termo de Ajuste de Conduta (TAC). Atualmente sedia o Arquivo permanente da mineração de carvão inaugurado em 2012”.

A preocupação com a preservação da memória é algo importante em todas as esferas do convívio social, pois é através da memória que construímos nossa identidade e anunciamos nossas relações com a sociedade. Para Scheiner (1998) a morada da memória é o corpo do homem, sendo este o primeiro museu conhecido pelo mesmo. A busca pela conservação da memória torna-se então fundamental para caracterizarmos quem somos e onde vivemos, estabelecendo assim uma identidade própria que se liga à coletividade e a cultura do local.

Uma vez que a identidade e a memória são relacionadas com a representação que um sujeito tem de si mesmo, e que essa relação tem vínculo direto com o ambiente e a cultura em que vive, concorda-se com Pesavento (2005, p.40) quando a mesma aponta que: “A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele”. Nessa perspectiva o imaginário também possui um forte estímulo na construção individual de cada sujeito: “O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social” (Ibidem, p.43).

Sendo nossa base de museu interior um local que salvaguarda nossas memórias, Scheiner (1998) pondera que este pode estar fragmentado, ou seja, construído através de vários fragmentos para construir, representar ou simbolizar o todo. A busca constante por símbolos, identidades e representações garantem a propagação da memória para a preservação da história de determinado patrimônio, local ou profissão. Em relação ao MCAR é possível notar estas relações através das falas dos moradores da Região, para Santos (2018, inf. verbal) o Museu representa:

“A relação com a cidade, com a região, e principalmente com o que eu aprendi em um determinado momento que foi esse envolvimento com a história”. Complementando a ideia de envolvimento com a cidade, Sachete (2018, inf. verbal) afirma que:

O Museu representa muito porque é onde a gente se espelha, pois, ali expuseram as ferramentas daquela época, tinha livros acho que a companhia levou para Butiá, é muito interessante, é a memória para se recordar, aquelas terras do Museu foi a companhia que deu para fazer o Museu, naquela época estava tudo em ruínas, daí o pessoal se alertou em deixar alguma coisa para a memória do lugar, tinha escrito lá em cima naquela parte fechada: “Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo”.

Deste modo, o MCAR contribui enquanto reforço da identidade regional do minerador, este que por sua vez molda a história das cidades da Região por ser uma das profissões mais notórias e que gerou maior desenvolvimento das cidades próximas ao território. A reconstrução do passado através do elo de identidade e história dá forma ao presente. Segundo Thomson (1997, p.5): “Compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente”, e esta relação para o autor se consagra na busca por afirmação da identidade de cada um dentro da própria comunidade, isto então se dá pelo fato de que: “[...] buscamos também a afirmação de nossas reminiscências” (Ibidem, p.58). De acordo com Meneses (2000, p.94):

Identidade e memória são assim ingredientes fundamentais da interação social, presentes em quase todas os seus domínios - e, por isso, não poderiam em hipótese alguma estar ausentes dos museus que pretendam dar conta dos aspectos fundamentais de uma sociedade viva, no presente ou no passado.

Sobre a memória, Pollak (1992) ressalta que esta parece ser algo exclusivamente íntimo e pessoal, porém ela também pode ser um fenômeno social, concluindo que: “[...] *A memória é um fenômeno construído*” (Ibidem, p.204. Grifo do autor). Corroborando, Meneses (2000, p.93) aponta que: “[...] a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitação do presente”.

Na execução da pesquisa, a perspectiva de construção da memória social como identidade da população da Região foi notada no discurso dos moradores entrevistados, uma vez que este valoriza a apropriação da história passada para contar os fatos presentes, como no caso de Avila (2018, inf. verbal):

Olha, a gente acompanha, eu no caso, né, acompanho muita as pessoas do pouco que resta daquela época né, é muitos fatos, muitas histórias que eles tem para contar então eles vão lá e contam fatos que principalmente em termos de acidentes da mineração, o trem descarrilhou, o elevador que ia para o subterrâneo para trazer, levar as pessoas para depois retornar com o carvão nas vagonetas, havia muito acidente, as condições dos trabalhadores, dos mineradores eram precárias, não tinham nada de proteção, era simplesmente um lampião e um par de alpargatas que eles usavam e as roupas eram deles mesmo, sem a proteção da poluição que ia, e muitos assim, eles falavam muito assim “eu tenho carvão no pulmão”, porque eles respiravam direto o pó do carvão. Então há muita história sobre isso, sobre a mineração. A história é grande, é grande mesmo, dá uma novela.

A memória das mortes em função da profissão de minerador, as doenças e outros percalços ocorridos constroem uma memória emotiva em relação ao território, marcada pelo esforço, dor e perdas. Evidenciado por Tornatore (2009, p.10), ao dissertar sobre emoção patrimonial e o caso do Castelo de Luneville¹⁴, aponta que:

Percebemos que há nesse caso uma emoção fundada sobre uma apreensão estética e/ou histórica, e uma emoção vinculada a uma memória biográfica, uma ligação pessoal associada a uma lembrança. De um lado a emoção “estético-histórica”, de outro a “sóciobiográfica”; de um lado essa emoção tem por objeto o castelo como um bem cultural, considerado em suas formas expressivas; de outro um castelo “prático”, considerado como um suporte de práticas individuais e coletivas. Logo, o objeto da emoção não é apenas o castelo em si, o monumento da história que constrói a mobilização política; ele é também sua lembrança, quer dizer, o castelo na lembrança das pessoas que ali viveram algum acontecimento, e é igualmente sua presença prática - uma presença praticada - em uma relação de autoctonia (FABRE, 2000) como numa relação turística.

Esta relação histórico-emocional, ou como o autor chama “sóciobiográfica”, carrega consigo as lembranças pessoais e emocionais de fatos ocorridos no território. A relação pode ser evidenciada no discurso de Santos (2018, inf. verbal):

Olha eu te diria que todos os espaços assim, eles têm uma importância muito grande, muito boa né. Até como eu te disse eu até participei de todo esse movimento né. A reconstrução do prédio, obedecendo a mesma arquitetura da Usina, olha que eu levei um tempo bastante grande para conseguir a planta da usina, que a Maria Rita precisava para que ela pudesse levar pra um evento que estava acontecendo no México na época sobre arquitetura de museus de aproveitamento do que já tinha e preservar a arquitetura original, isto eu tive muito tempo envolvido nisso e acabei descobrindo pessoas e uma pessoa que trabalhou na Usina, inclusive essa pessoa, está viva até hoje [...]. E dali ela veio com o Projeto de Restauração da Usina, e ela fez. Mas o espaço que, vamos dizer assim, que eu mais gosto é a parte histórica e com a documentação. Que eu não sei ainda se

¹⁴ Castelo na Lorena, em Luneville - França, é reconhecido com a última residência dos últimos Duques da Lorena, antes da reanexação do Ducado à França em 1766. Foi reconstruído em 1703 e 1723 sob um modelo arquitetônico inspirado em Versalhes, recebendo o apelido de “Versalhes da Lorena”. O castelo de Luneville também foi utilizado para realização de casamentos e outros festejos. (TORNATORE, 2009)

existem documentos Escritos antigos, da existência ou sequência de atividades e da história de atividades da comunidade, da história socioeconômica da comunidade. Meu pai, eu levava ele junto comigo nesses eventos porque ele tinha uma memória fantástica [...] ele ficava em uma emoção tão grande que aquilo passava pra mim.

Contextualizando os discursos sobre as vivências pessoais dos membros selecionados da comunidade da Região Carbonífera com sua relação ao MCAR, e construindo uma breve análise acerca dos conceitos de memória, lugar de memória, representação, identidade e imaginário, destaca-se que as identidades dos sujeitos entrevistados estão fortemente ligadas ao território e a memória/história daquele território. Esta apropriação da história e do território ocorrem ao transformar a antiga Usina em lugar de memória, preservando assim a relação de saudosismo dos antigos mineradores e preservando lembranças (prazerosas e dolorosas), assim como protegendo o patrimônio para que como fenômeno (SCHEINER, 1998) possa ser ressignificado por várias gerações, sempre buscando estabelecer o contato com o público que é sua verdadeira razão de existir.

Nessa perspectiva a instituição MCAR precisa trabalhar a memória como método de pesquisa (DORES, 1999, p.113): “[...] [um método] baseado no estudo do próprio homem, em sua relação com o meio social, ao qual está inserido, levando em conta os sentidos, os sentimentos e a sensibilidade dos indivíduos envolvidos no processo de pesquisa”. Thomson (1997, p.67) reitera, salientando que “[...] a investigação e a análise das histórias e silêncios do testemunho oral podem revelar, de forma ampla, a natureza e os significados da experiência e as maneiras como retrabalhamos nossas reminiscências sobre o passado durante toda a vida”. Esse é o desafio do museu no mundo contemporâneo, idealizado por profissionais que se dedicaram ao patrimônio industrial como Waldisa Guarnieri (1980): que o museu seja um espaço criador de sentidos, trocas de saberes, novas percepções, e que exerça, essencialmente, um papel profundamente vivificador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de à primeira vista não parecer que a cidade de Arroio dos Ratos possui uma história vasta e complexa, se forem aprofundados os estudos neste quesito é possível descobrir fatos notórios ocorridos na Região. Quem ali nasceu ou vive desde os primeiros anos sente, com o passar do tempo e amadurecimento, uma forte ligação com aquele território e com sua história. A mineração deixou marcas nas vidas de quem ali viveu e vive, não há como separar as reminiscências pessoais das histórias do território que por muito tempo foi a fonte de sustento de várias famílias. Hoje o sustento dos que aqui moram não advém somente das profissões ligadas à mineração, que com o passar do tempo deixou de ser a principal atividade exercida no município, mas a outras atividades econômicas como o comércio e as plantações. Porém, vestígios dessa memória coletiva tornaram-se um patrimônio industrial.

A busca por compreender a relação da comunidade com o Museu do Carvão (MCAR) e se existia alguma forma de apropriação daquele espaço tornou esta pesquisa em uma verdadeira investigação, pois não seria possível entrevistar todos os moradores da Região para obter uma análise quantitativa sobre suas ideias, mas poderíamos selecionar alguns sujeitos que se destacassem na comunidade e, através destes representantes, estabelecer suas relações com o Museu. Porém, para compreender a relação existente entre os sujeitos e o MCAR seria necessário primeiro entender a dinâmica de criação do mesmo. Em sua documentação é possível localizar termos como museu comunitário e ecomuseu, ou seja, a ideia principal de ambos os conceitos era envolver a comunidade com aquele território. A proposta de incluir as pessoas nos processos de constituição deste Museu são possíveis frutos das Declarações de Santiago do Chile (1972), de Quebec (1984) e da Declaratoria de Oaxtepec (1984) que contribuíram para fomentar a Museologia Social, que tem por fundamentação valorizar a interação entre o território, a comunidade e o patrimônio.

A valorização de patrimônios industriais e seus tombamentos são identificados por ações de salvaguarda a partir da década de 1980, no caso do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul. Os cuidados destinados ao patrimônio industrial têm como função a proteção arquitetônica do território e sua relação com a

comunidade, os documentos encaminhados para oficializar e institucionalizar o MCAR partiram da alegação de preservar a história e recuperar a memória sobre o carvão, uma vez que o território é caracterizado como um espaço histórico, tendo como marco a primeira Usina Termelétrica do País. Notando-se a necessidade de proteger esses vestígios materiais localizados no território do antigo complexo carbonífero ocorreram intervenções preservacionistas nos prédios localizados naquele território, para então no ano de 1986 ser registrado no livro Tombo n.36 como patrimônio cultural.

Com o tombamento parcial da área aprovado em 1986, o MCAR iniciou suas atividades sob a então direção de Maria Luiza Flores Chaves Barcellos, e apenas em 1994 foi registrado o segundo tombamento que garantia à instituição museal a área total anteriormente ocupada pelas Cias de Mineração. Neste mesmo ano foram também inauguradas as restaurações das edificações. Além dos tombamentos, criou-se um Projeto de Intervenção e Proteção do espaço, a intenção era criar zonas de proteção para que os prédios e o ambiente fossem respeitados. Apesar de apresentar em sua documentação a preocupação com a comunidade do entorno, com o tempo o Museu institucionalizou-se e tornou-se mais um museu tradicional do que um museu comunitário, fato que reforça o entendimento do museu como um fenômeno, um processo.

O objetivo que norteou o presente estudo consistia em analisar as representações associadas ao MCAR por parte dos moradores da Região Carbonífera, porém em virtude da atual condição do Museu preferiu-se não realizar as visitas *in loco* para articular as representações contidas nos discursos distanciados e próximos ao patrimônio, o que contribuiria para uma análise mais complexa. Para complementar este objetivo foi necessário entender como se constituiu o Museu, para então reunir os sujeitos que representassem a comunidade e assim relacionar as memórias compartilhadas por eles referentes ao MCAR e o contexto desse patrimônio industrial. A problemática de lugar de memória não se dá com o contato direto com a instituição, mas sim com todo seu território.

A identificação dos moradores da Região Carbonífera que foram entrevistados se apresenta através das relações com o território, o trabalho e a família, além da relação com as demais cidades da Região, sendo especialmente a relação com Arroio dos Ratos exaltada. Muitos são descendentes de famílias estrangeiras que emigraram para a cidade a procura de trabalho, tanto nas minas

quanto em atividades interligadas ao funcionamento da Usina. Lembranças de acidentes ocorridos também possuem uma forte relação na construção da memória coletiva apresentada. Os discursos também se encaixam na medida em que relatam sua vida, o seu nascimento através de parteira na cidade, as lembranças de locais que anteriormente tinham outra função. Quanto ao Museu, todos os entrevistados relataram que o conheciam desde que o local era utilizado para extração de carvão. Nota-se, portanto, que não há identificação direta com o Museu, a maior identificação é com o território onde o Museu está localizado. No MCAR, em sua exposição de longa duração, não possui representação da comunidade ou do território, apenas sobre o que poderia ser reconhecido como uma memória coletiva sobre o ofício de mineração.

A memória estabelecida, através das entrevistas, está relacionada diretamente às vivências dos moradores, de sua vida junto à cidade e não necessariamente é instituído um vínculo direto e contínuo com o MCAR, ao menos não para todos. Alguns estavam presentes no Museu em diversos momentos, como por exemplo, na criação, na direção ou em eventos que ocorriam no extenso pátio que a instituição possui. As memórias de vínculo afetivo com o espaço não foram reveladas, apenas citadas através de passagens de festas e eventos que ocorreram no local. Lembram-se, porém, as saudades carregadas através dos tempos, a vontade de rever os entes queridos. A saudade, muitos dizem ser a palavra mais bonita do dicionário, esta carrega consigo os sentimentos, memórias, representações e identificações de quem passou momentos, bons ou ruins, neste lugar.

Há ainda uma longa jornada para envolver a comunidade com o MCAR de forma ativa na perspectiva de um museu comunitário, esta requer entender o que a comunidade entende como Museu e como este pode prestar serviços a mesma. A história da mineração ainda tem muito a revelar, seja através da trajetória da associação de amigos do Museu e seu trabalho, do Encontro da Saudade Mineira, das relações de trabalho entre os mineiros e as Cias, a vida social e suas manifestações, ou até mesmo das análises dos documentos históricos presentes no arquivo, os caminhos são muitos para chegar até o objetivo de representar a vida e história de Arroio dos Ratos e da Região Carbonífera.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Normélio de. **O Carvão e seus heróis**. Porto Alegre: Farol 3 Editores, 2017. 144p.
- AVILA, Olga Maria Kaczynski. **Entrevista I**. [ago. 2018]. Entrevistadora: Mirella Silveira Trapp. Arroio dos Ratos, 2018. 1 arquivo .mp3 (11min.).
- BRULON, Bruno. A invenção do ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a prática da Museologia experimental. **Mana**. v.21, n.2, p.267-295, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200267>. Acesso em: 20 mai. 2018.
- _____. Os mitos do ecomuseu: entre a representação e a realidade dos museus comunitários. **Musas**, n.6, v.7, p.30-47, 2014.
- CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM**, ano 27, n.41, 2015. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2592/1523>>. Acesso em: 27 out. 2018.
- COPELMI. **HISTÓRICO**, 20[??]. Disponível em: <<http://copelmi.com.br/historico/>>. Acesso em: 1 out. 2018.
- DECLARATORIA DE OAXTEPEC. **Ecomuseos Territorio - Patrimonio - Comunidad**, 1984. Disponível em: <<http://www.ibermuseus.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-oaxtepec.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2018.
- DORES, Fabiola Gaspar das. A memória como método de pesquisa. **Cadernos de campo: Revista de Ciências Sociais**, n.4, 1999. p.113-131.
- FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. PATRIMÔNIO: as várias dimensões de um conceito. **História em Revista**, Pelotas, v.10. dez. 2004. p.29-39.
- FREITAS, Tassiane Mélo de. **DE COMPLEXO CARBONÍFERO A MUSEU: o processo de patrimonialização dos remanescentes do antigo complexo carbonífero de Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul, Brasil (1983-1994)**. 2015. 203f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de

Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em:
<<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Tassiane-Mélo.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

G1. Museu Nacional sofria com falta de reforma e orçamento reduzido, e chegou a anunciar 'vaquinha virtual' para arrecadar dinheiro. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/02/museu-nacional-sofre-com-a-falta-de-reforma.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GOLASZ, Luiz H. S. **Arroio dos Ratos, a mineração e o Museu do Carvão: a história e sua representatividade através da materialidade.** 2013. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Bacharelado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/85215>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

GOOGLE MAPS. **ARROIO DOS RATOS**, [2018]. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/maps/place/Arroio+dos+Ratos,+RS/@-30.0830868,-51.469413,9.64z/data=!4m5!3m4!1s0x951bb9b47aa65865:0xcf9cdc65e3eb76d5!8m2!3d-30.0880438!4d-51.7279954>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Um museu de indústria em São Paulo**, 1980. 264p. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), São Paulo, 1980.

IBGE. **Território e Ambiente.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/arroio-dos-ratos/panorama>>. Acesso em: 1 out. 2018.

IBRAM. **Teórico da museologia social, Hugues de Varine confirma presença no 5º FNM**, 2012. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/hugues-de-varine/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

IPHAE. **USINA TERMOELÉTRICA (MUSEU CARVÃO 01).** Disponível em:
<<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=13800>>. Acesso em: 1 out. 2018.

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória.** 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004. v.1. 128p.

KLOVAN, Felipe F. **Sob o fardo do ouro negro: as experiências comuns dos mineiros de carvão em 1933 - 1935 na região carbonífera do Rio Grande do Sul.**

Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, v. 2, p. 366-376, 2009.

LIMA, Diana F. C. Museologia-Museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.**, vol.7, n.1, 2012, p.31-50.

MENESES, Ulpiano T. B. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**, 2009. Brasília - DF: IPHAN, 2012. p.25-39. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf>. Acesso em: 27 out. 2018.

_____. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**, Porto Alegre, 2000, p. 91-101, 2000.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. In: **Cadernos do Ceom**, ano 27, n.41. Chapecó: Unochapecó, 2014. p.423-427.

_____. Sobre o Conceito de Museologia Social. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v.1, n.1, 1993.

MUSEU DO CARVÃO (Arroio dos Ratos, RS). **MUSEU DO CARVÃO: Proposta de intervenção**. Arroio dos Ratos, 19[??], n.p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. n.10, 1993.

PESAVENTO, Sandra J. Mudanças Epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 39-62.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POSSAMAI, Zita R. (Org.). **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARROIO DOS RATOS. **Localização**. Disponível em: <<http://arriodosratos.rs.gov.br/dados-gerais/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, [s.1], v.16, n.16, 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/35>>. Acesso em: 27 out. 2018.

RIO GRANDE DO SUL. **Região Carbonífera**. Disponível em: <<http://www.turismo.rs.gov.br/regiao/65/regiao-carbonifera>>. Acesso em: 18 out. 2018.

SACHETE, David. **Entrevista II**. [nov. 2018]. Entrevistadora: Mirella Silveira Trapp. Arroio dos Ratos, 2018. 1 arquivo .mp3 (20min.).

SANTOS, Enio José Marques dos. **Entrevista III**. [nov. 2018]. Entrevistadora: Mirella Silveira Trapp. Charqueadas, 2018. 1 arquivo .mp3 (97min.).

SCHEINER, Tereza. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v.7, n.1, p.15-30, 2012.

_____. Memória do Mundo. Memória do Homem. In: _____. **Apolo e Dionísio no Templo das Musas** - Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental, 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SIMCH, Carlos Alfredo. **Monografia de São Jerônimo**. Porto Alegre: Livraria Andradadas, 1942.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz. **Tópicos em Conservação Preventiva-5: Conservação Preventiva: Controle Ambiental**. Belo Horizonte: LACICOR - EBA - UFMG, 2008.

SPERANZA, C. G.. O trabalho perante a lei: os mineiros de carvão na Justiça do Trabalho em São Jerônimo, RS (1946-1954). **Topoi: Revista de História**, v.14, p.416-437, 2013. Disponível em : <http://www.revistatopoi.org/topoi27/TOPOI_27_A09.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.

STEIN, Natália Branco. **A formação da Região Metropolitana de Porto Alegre e as transformações na sua estrutura econômica no período de 1999 a 2009: A metropolização gaúcha.** 2014. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/20140730a-formacao-da-regiao-metropolitana-de-porto-alegre-e-as-transformacoes-na-sua-estrutura-economica-no-periodo-de-1999-a-2009.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

SULZBACH, Cônego E. L. **Arroio dos Ratos: Berço da Indústria Carbonífera Nacional.** Arroio dos Ratos: Flores Linotipia Ltda, 1985. 168p.

_____. **Perfil de um minerador.** Arroio dos Ratos: Gráfica Editora Pbs, 1989. 130p.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória - Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias.** **Proj. História**, São Paulo, (15), abr.1997.

TOLENTINO, Atila B. **Museologia social: apontamentos históricos e conceituais.** **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], n.8, 2016. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5499>>. Acesso em: 25 nov.2018

TORNATORE, Jean-Louis. **Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado.** **Revista Memória em Rede**, n. 1, 2009, Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9562/6411>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

VARINE, Hugues de. **A Nova museologia: ficção ou realidade.** In: **Museologia Social.** Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2000.p.21-33.

APÊNDICE A - DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS

Eu,.....

RG:.....CPF:.....autorizo a utilização da entrevista e imagens que concedi para o Trabalho de Conclusão de Curso **FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: o Museu Estadual do Carvão nas reminiscências dos moradores da Região Carbonífera**, incluindo a sua reprodução em suporte papel ou digital. A entrevista foi realizada por Mirella Silveira Trapp, estudante do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Como gostaria de ser identificado?

Nome completo

Morador de

Profissão.....

Arroio dos Ratos,..... de de 2018.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Você poderia nos contar um pouco de sua história, de como chegou a Arroio dos Ratos?
2. Qual a sua relação com a mineração?
3. De que forma conheceu o Museu?
4. O que faz com que te identifique com o Museu?
5. Quais memórias têm associadas ao Museu, e o que o Museu representa para você?

APÊNDICE C - ENTREVISTA DE OLGA MARIA KACZYNSKI AVILA

Hoje dia vinte de agosto de dois mil e dezoito, eu Mirella Silveira Trapp, estudante de Museologia, estou na cidade de Arroio dos Ratos para entrevistar a professora Olga Maria Kaczynski Avila, para pesquisa de TCC do meu curso.

- Bom dia dona Olga! (Mirella)

- Bom dia Mirella! (Olga)

- Podemos iniciar? (Mirella)

- Sim. (Olga)

- Então, uma das perguntas que se apresentam é: Você poderia nos contar um pouco de sua história, de como chegou a Arroio dos Ratos? (Mirella)

- Eu e minha mãe, somos naturais de Arroio dos Ratos, nasci em casa tanto eu como meus outros dois irmãos, naquela época com parteira, numa rua muito movimentada onde passava o trem, a rua chamada Beira da Linha, onde passava o trem que saia com os minérios, com o carvão do Poço 1 do nosso antigo Poço1 que iam até Charqueadas ou até São Jerônimo para o carvão ser colocado na balsa, para ser transportado para Porto Alegre, onde ia abastecer a Usina do Gasômetro, aliás ia até a Usina do Gasômetro onde abasteceria boa parte de Porto Alegre, com a energia mineral. (Olga)

- E a sua relação com a cidade? (Mirella)

- É, A gente como natural daqui faz tudo pelo município, é tudo para nós Arroio dos Ratos, onde eu nasci, onde me criei, onde ainda estou vivendo, é uma cidade pequena, querida, bem perto de Porto Alegre, faz parte da Região Metropolitana, então a gente tem um amor bem grande por esta cidade (Olga)

- Qual a relação com a mineração? (Mirella)

- Sim. Eu tive até bastante relação, porque meus avós paternos vieram da Polônia, fugindo da guerra, desceram em Rio Grande e vieram para Porto Alegre e depois vieram para Arroio dos Ratos para trabalhar na mineração. Por quê? Meu avô sempre trabalhou na parte das oficinas, onde abastecia a toda a parte de locomoção dos vagões e trens, fazer peças para a própria mineração, peças em ferro e, o carvão naquela época, e quem vinha para cá não ia servir, não ia trabalhar no exército porque a extração do carvão era essencial para a energia elétrica daquela época. E o meu pai trabalhava no comércio, meu pai tinha um açougue, então

naquela época era o açougue em si, não tinha outros mantimentos junto com o açougue, era açougue então ele vendia carne naquela época. (Olga)

- De que forma conheceu o Museu? (Mirella)

- Conheci o Museu desde o início, desde a inauguração. Sempre tive uma relação assim não direta, mas próxima ao Museu. (Olga)

- O que faz com que te identifique com o Museu? (Mirella)

– Como professora a gente sempre trabalhou muito em relação ao Museu, muito em relação a história da mineração e eu também tive a direção do Museu do Carvão por um certo tempo e então eu tive uma relação bem direta e vivi bem o Museu do Carvão até em termo de dar apoio aos estudantes que vinham fazer pesquisas vinham fazer teses e de doutorados e de mestrados de pós graduação não só na parte da mineração que eles vinham fazer essas pesquisas mas também na parte social aqui como era o Arroio dos Ratos na época da mineração, então eu dei apoio também para essas pessoas. (Olga)

- Quais memórias têm associadas ao Museu, e o que o Museu representa para você? (Mirella)

- A memória do Museu é uma coisa e até da mineração em si a gente perdeu muito, porque na época não se dava valor a parte, a documentação histórica, eu acredito que muita coisa, muito, muito foi fora, foi fora, foi perdido, sem a pessoa dar o valor histórico para esse trabalho, então é uma relação que eu tenho direta porque eu moro aqui perto, né, então eu vivi ali dentro do poço 1. (Olga)

– E Tens alguma memória mais vivida do Museu, de alguma coisa que aconteceu junto ao Museu? (Mirella)

– Olha, a gente acompanha, eu no caso, né, acompanho muita as pessoas do pouco que resta daquela época né, é muitos fatos, muitas histórias que eles tem para contar então eles vão lá e contam fatos que principalmente em termos de acidentes da mineração, o trem descarrilhou, o elevador que ia para o subterrâneo para trazer, levar as pessoas para depois retornar com o carvão nas vagonetas, havia muito acidente, as condições dos trabalhadores, dos mineradores eram precárias, não tinham nada de proteção, era simplesmente um lampião e um par de alpargatas que eles usavam e as roupas eram deles mesmo, sem a proteção da poluição que ia, e muitos assim, eles falavam muito assim “eu tenho carvão no pulmão”, porque eles respiravam direto o pó do carvão. Então há muita história

sobre isso, sobre a mineração. A história é grande, é grande mesmo, dá uma novela. (Olga)

- Que legal isso, essa foi a última pergunta, então queria agradecer por participar e me ajudar nessa pesquisa e provavelmente nós vamos ter mais um encontro, não sei se vamos conseguir realizar ele, mas o próximo seria no Museu, tudo bem? (Mirella)

- Tá certo. (Olga)

- Muito obrigado. (Mirella)

- Mirella, eu agradeço e é muito importante essa memória, essa ideia que tivesse em relação ao trabalho que tu vai fazer, tá eu acho muito, muito importante para nós para a história o Museu do Carvão a gente acredita que seja muito pouco divulgado e é um marco histórico nós temos aqui objetos bem interessantes, nós temos um espaço com nove hectares de terras que pode ser muito usado, muito explorado pelo governo ou seja lá pela parte municipal, estadual ou até privada que aproveitem o Museu do Carvão que é um espaço único e muito grande e muito próximo de nossa capital. (Olga)

APÊNDICE D - ENTREVISTA DE ENIO JOSÉ MARQUES DOS SANTOS

- Você poderia nos contar um pouco de sua história, de como chegou a Arroio dos Ratos? (Mirella)

- Nasci ali e fiquei ali até os 9 anos, mas nunca me desliguei daquilo lá, meus pais vieram para li quando meu pai era pequeno, [...] o pai nasceu em Santo Amaro e veio bem pequenininho para ali, para Charqueadas, depois de Charqueadas foram para o Rato. Como eu te disse essa conversa é tão grande, que não é uma hora, um meio dia, isso aí vai muito tempo para que tu entendas como é que a gente veio parar aqui. E não é o meu pai que veio de Santo Amaro, Santo Amaro do Sul, veio gente de todos os lugares do estado e de fora do estado também que vieram para cá. A começar pelos iniciadores da atividade de mineração, que foram os primeiros, foram os ingleses.... Vieram os ingleses, vieram italianos, vieram espanhóis, vieram lituanos, vieram poloneses, vieram todas essas etnias, vieram para Arroio dos Ratos né, e isso aí é o resultado da nossa formação cultural, toda esta mistura que houve. De Arroio dos Ratos, de Butiá e Charqueadas, e estão até hoje no nosso meio. Nasci na Beira da Linha, ela é naquela rua que vem lá da Funerária, da Capela Funerária, tú vens por ali, pela subida do Guarani, a outra estrada tu que vai para o Hospital, aquela estrada é chamada Beira da Linha[...]. Lá na beira da linha eu nasci em casa, à 300 ou 400 metros longe do hospital, com parteira, mas o Hospital era bem pertinho, meus dois primeiros irmãos nasceram no Hospital, e eu filho terceiro nasci em casa. E ali eu nasci fiquei até pouco, depois fui lá para o Poço Isabel, onde é o (colégio) Santa Rita hoje, lá fiquei até os 7 anos, depois dois anos ali na entrada onde hoje mora o Jorge Menezes, não sei se tu te lembras ali, quem vem pela rotatória, sobe o Guarani e depois aqui já vindo para Charqueadas tem uma casa azul, à esquerda, quase em frente ao mercadinho, depois da subida ali. E depois viemos para Charqueadas. (Enio)

- A segunda pergunta é: qual a sua relação com a mineração? (Mirella)

- Meu pai era maquinista do trem, nasci na Beira da Linha e me criei dentro dos trens, e viemos para Charqueadas em [19]59. Mas nunca perdi esta relação com Arroio dos Ratos[...]. Com a mineração tu tem os serviços com o pessoal que trabalhava no subsolo diretamente, mas todos aqueles outros serviços eram serviços complementares e estavam diretamente ligados à mineração. E o meu pai

transportava o carvão do Rato para Charqueadas, para o Porto de embarque que foi construído lá na década de 1980, transportava o carvão vindo de ratos para cá. No início da mineração tinha sido feito em São Jerônimo, mas como o carvão que vinha da mina do faxinal [...] e a distância era muito grande para trazer até São Jerônimo, o James Johnson teve dificuldade em trazer o carvão [...] surge então a mudança do porto de São Jerônimo para Charqueadas. E depois eu fui acabar indo trabalhar também na empresa ligada a essa atividade de mineração, passando pelo serviço de manutenção, a parte elétrica e depois fazer um curso de segurança do trabalho, fui trabalhar nesta área de segurança e medicina do trabalho. (Enio)

- De que forma conheceu o Museu? (Mirella)

- Por que a formação do Museu? A nossa atividade ela, tem vamos dizer assim tem mais de 150 anos de história. [...] Mas então, quando se criou-se os primeiros movimentos para a criação do Museu do Carvão, o que a comissão fez, criaram uma comissão inicial lá pela Secretária Estadual de Cultura, que veio para Arroio dos Ratos e formou os amigos do Museu do Carvão, que é para ter o apoio da cidade, para ter o envolvimento dos órgãos do município, então foi formada aquela comissão. E depois disso o que? Eles vão fazer visitas às empresas e diversos seguimentos da comunidade ou das comunidades, porque não fica restrito em Arroio dos Ratos, ela abrange toda a Região Carbonífera. E a região carbonífera quais são os Municípios? Arroio dos Ratos, Butiá, São Jerônimo, Charqueadas, Barão do Triunfo, Eldorado, Guaíba, Triunfo, General Câmara, tudo isso compõem a nossa região carbonífera. E aí começaram aquelas visitas as empresas, e a COPELMI, como foi a empresa primeira a desenvolver essa atividade de mineração, ela foi uma das primeiras a ser visitada. E logo no início já me designaram para acompanhar todo esse trabalho de criação e depois montagem, especificamente, do Museu. Então eu me envolvi desde o início nisto aí. Isso começou lá na primeira metade da década de [19]80, eu só não me lembro agora mesmo a data da lei que criou o Museu [...]. Então estou desde o início nisto aí, fornecimento de peças para já ir constituindo acervo do Museu e tudo isso que a empresa podia dar. Foi doada muita coisa assim: - pega e leva! E vai sem documento nenhum, sem nada assim que pudesse oficializar a doação que estava saindo da empresa e indo para o Museu. E, mas o trabalho maior que eu tiver foi quando a engenheira, Maria Rita, se não me engano o nome dela, que tem muita coisa do museu que tu não tens como encontrar no museu. (Enio)

- Quais memórias tens associadas ao Museu, e o que o Museu representa para ti?
(Mirella)

- Olha eu te diria que todos os espaços assim, eles têm uma importância muito grande, muito boa né. Até como eu te disse eu até participei de todo esse movimento. A reconstrução do prédio, obedecendo a mesma arquitetura da Usina. Olha que eu levei um tempo bastante grande para conseguir a planta da Usina, que a Maria Rita precisava para que ela pudesse levar para um evento que estava acontecendo no México na época sobre arquitetura de Museus de aproveitamento do que já tinha e preservar a arquitetura original. Isto eu tive muito tempo envolvido nisso, e acabei descobrindo pessoas e uma pessoa que trabalhou na usina, inclusive essa pessoa, está viva até hoje[...]. E dali ela veio com o Projeto de Restauração da usina, e ela fez. Mas o espaço que, vamos dizer assim, que eu mais gosto é a parte histórica e com a documentação. Que eu não sei ainda se existem documentos escritos antigos, da existência ou sequência de atividades e da história de atividades da comunidade, da história sócio-econômica da comunidade. [...] Eu estava no museu uma vez, era um evento, não se foi a Festa da melancia ou o que foi, porque faziam vários eventos juntos por ali... E chegou uma mulher, e perguntou para a Olga e para Alba... E essa mulher chegou lá, era uma mulher de Canoas, bem vestida, bem elegante, e falou alguma coisa como sou dessa família e deu o nome do pai dela. Elas não sabiam, eu cheguei e me perguntaram, porém não me lembrei na hora e meus gurus eram pequenos, já faz uns 25 anos, já faz mais de 30 anos isso aí, e falei vê se acha teu avô, veio meu pai e reconheceu o nome da pessoa[...] Meu pai me levava junto nesses eventos porque ele tinha uma memória fantásticas [...] ele ficava em uma emoção tão grande que aquilo passava para mim.
(Enio)

- O que faz com que te identifique com o Museu? (Mirella)

- Olha, em função da atividade, e o umbigo, eu nasci, perdi meu umbigo em Arroio dos Ratos e nunca me desliguei. A relação com a cidade, com a Região, e principalmente com o que eu aprendi em um determinado momento que foi esse envolvimento com a história. (Enio)

APÊNDICE E - ENTREVISTA DE DAVID SACHETE

- Você poderia nos contar um pouco de sua história, de como chegou a Arroio dos Ratos? (Mirella)

- Pois não, pois não, é o seguinte o meu pai veio da Espanha, ele e o pai do Nelson até que vieram juntos, e de lá ele foi para Minas Gerais trabalhar na mina de ouro Moro Velho como chamavam naquele tempo, teve um período lá, minha mãe também é de Minas, ele casou por lá e depois veio aqui para o Sul, aqui para Arroio dos Ratos, aqui tinha muitos espanhóis eram os que dominavam e lideravam, então ele trabalhou na mina embaixo da mina depois na superfície que é aqui em cima, depois mais tarde, depois de uns cinquenta anos ele faleceu, ele pegou a parte de ouro que é pior que carvão, eles lidam com aquele mercúrio aquele negócio que é muito brabo aquilo lá e depois o carvão aqui, eu era gurizote então me criei na que chamavam Roda do Cinema, até hoje chamam, onde era o Banrisul aquele prédio grande ali né. Naquela época era um cinema velho tinha uma escadaria que ia até lá embaixo e a frente era pra lá. Mais tarde renovaram o prédio e fizeram o Cine Clube Vitória, ai era um cinema moderno até tinham umas cadeiras que faziam assim, não estrovava o outro da fileira que ficava na frente. E deixa eu pensar: eu continuei ali em roda, eu morava ali bem pertinho, antes do Museu, ali em cima atrás desse prédio, me criei ali. Então me criei ali era na parte de baixo onde é aquele mercado azul (MACROPAM), era o armazém da companhia, forneciam os mineiros e depois era descontado em folha, naquele tempo era escrito tudo a lápis não existia caneta, a folha era muito grande por que tinha uns quatro mil mineiros com a administração, depois criaram a cooperativa nova ali onde está o supermercado Bem-Vindo, era a Cooperativa dos Mineiros, eu fui trabalhar ali com 14 anos quando meu pai faleceu. Fiquei uns três anos, naquele tempo era muito novo, ia até o escritório tirar o ponto do pessoal, levava um livro, cada nome tinha sua chapa, uma numeração, era mil e pouco, dois mil e três mil, todo dia no escritório tinha um quadro grande e todo dia tinha que tirar o ponto do pessoal, eles trabalhavam pelo desconto pelo fornecimento, escritório comercial, tem dois prédios, não sei se tu conhece, no Poço 5, um era Escritório Comercial e outro era Escritório Técnico, um fazia isso ai que era as folhas e todo o movimento da companhia e o outro era técnico que era o chefe, aquela parte mais elevada, treinamento do pessoal, e depois daquilo ali cresci naquele meio, tinha mais irmãos também, e dali fazia o acesso ao Poço 1

onde é Museu hoje, e naquele poço teve uma enchente acho que foi em 1936, uma enchente muito grande ai encheu a mina, fazendo com que diversos mineiros não tiveram tempo de saírem, naquela época morreram uma porção de mineiros, ali tinham as oficinas, não sei se poço te contar tudo? (David)

- Pode, pode sim. (Mirella)

-Tudo o que podia imaginar de profissão tinha ali, por exemplo: carpintaria, ferraria, tornearia, serraria, tinha aquela parte de locomoção, tinha locomotiva, ali tinham duas usinas a Companhia tinha força própria naquele tempo movida a carvão, o carvão vinha para as caldeiras que alimentava as usinas, o que produziam primeiro era para fornecer as minas, de tardezinha lá pelas cinco horas, que eles ligavam pras vilas. Levavam o carvão para Charqueadas tinha um trapiche dentro da água e de lá despejavam o carvão dentro do barco que ia para o Gasômetro lá em Porto Alegre, aqui tinha até trem de passageiros, era muito , negócio bom, aquele tempo. Na parte de saúde, naquele tempo era caixa de melhoração, era tudo individual, negócio de previdência não era conjugada assim como está hoje, era NPC que era para o Comércio, da Indústria, era tudo separado, transporte e o mineiro era caixa de mineração, por causa do carvão o pessoal adoecia e tinha muitos acidentes. Minha mãe trabalhou de enfermeira e depois de parteira. (David)

- De que forma conheceu o Museu? (Mirella)

- Conheci o museu desde quando era o Poço¹, naquela época o carvão era tirado de baixo da terra e hoje é céu aberto, como ficou antieconômico aqui foi transferido para Charqueadas, o carvão saia direto do poço e ia para a usina. O Museu representa muito por que é onde a gente se espelha, pois, ali expuseram as ferramentas daquela época, tinha livros acho que a companhia levou para Butiá, é muito interessante, é a memória para se recordar, aquelas terras do Museu foi a companhia que deu para fazer o Museu, naquela época estava tudo em ruínas, daí o pessoal se alertou em deixar alguma coisa para a memória do lugar, tinha escrito lá em cima naquela parte fechada "ESTRADA DE FERRO EM MINAS DE SÃO JERÔNIMO". (David)

- Quais memórias têm associadas ao Museu, e o que o Museu representa para você? (Mirella)

- Tenho memória por que morava ali muito perto, tinha muita gente trabalhando, naquela época era tudo manual, não tinha máquina, lembro de ter participado das festas da melancia por dois anos ali no pátio do Museu. (David)